

CADERNOS

TRILHOS

Coleção Literaturas do Recôncavo

UFRB • CECULT ✿ n. 2, agosto de 2023

Aidil Araújo Lima

a escritora-rio

Organização de:

Aline Souza Mota Nogueira

Beatriz Tolú

Caique Santos dos Santos

Rubens da Cunha

Ton Fraga



CADERNOS

TRILHOS

Coleção Literaturas do Recôncavo, n. 2, agosto de 2023

© dos autores

COMISSÃO EDITORIAL

Daniel Góis Rabêlo Marques

Lia da Rocha Lordelo

Lucio José de Sá Leitão Agra

Mariella Pitombo Vieira

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa

Rodrigo Heringer Costa

Rubens da Cunha

Thais Fernanda Salves de Brito

Victor Hugo Soares Valentin

Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins

Walter Emanuel de Carvalho Mariano

COORDENADORES DESTA EDIÇÃO

Aline Souza Mota Nogueira

Beatriz Tolú

Caique Santos dos Santos

Rubens da Cunha

Ton Fraga

IMAGEM DA CAPA

Ton Fraga

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Walter Mariano

GERENTE TÉCNICO DO SITE

Victor Hugo Soares Valentin

COMITÊ CIENTÍFICO

Albino Rubim

Universidade Federal da Bahia

Ana Ângela Farias Gomes

Universidade Federal de Sergipe

Ayrson Heráclito Novato

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Carlos Sandroni

Universidade Federal de Pernambuco

Caroline Knowles

University of London/Goldsmith

Deise Lucy Oliveira Montardo

Universidade Federal do Amazonas

Edson Farias

Universidade de Brasília

Eduardo Pedrózian

Universidad de Montevideo

Eva Scheliga

Universidade Federal do Paraná

Fernanda Areas Peixoto

Universidade de São Paulo

Julie Antoniette Cavignac

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Liliana Reales

Universidade Federal de Santa Catarina

Lucrécia Ferrara

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Márcio José Silveira Lima

Universidade Federal do Sul da Bahia

Maria Teresa Perdigão Santos Oliveira Rito

Universidade Nova de Lisboa

Michael Iyanaga

College of William and Mary

Renato Peixoto Dagnino

Universidade de Campinas

Ricardo Basbaum

Universidade Federal Fluminense

Samuel Mello Araujo Jr.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Suely Rolnik

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Sylvia Caiuby Novaes

Universidade de São Paulo

Vincenzo Matera

Università di Bologna

Xavier Coller

Universidad Pablo de Olavide

Xavier Vatin

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Um dos meus companheiros nos momentos de angústia, de falta de identidade ou lugar que eu pudesse mirar ou que eu pudesse me espelhar, sempre foi o rio. Eu conversava com o rio. Mas se eu disser a alguém que eu conversei com o rio, a pessoa vai me chamar de louca. Então para não ser louca, eu escrevo.

Aidil Araújo Lima

O percurso do rio

- 5 **A nascente**
Rubens da Cunha
- 11 **Das correntezas em *Mulheres Sagradas***
Aidil Araújo Lima
- 14 **Das correntezas em *Páginas Rasgadas***
Aidil Araújo Lima
- 18 **Das correntezas inéditas**
Aidil Araújo Lima
- 22 **Cinco poços-poemas para Aidil**
Das lembranças • *Sarah Roberta de Oliveira Carneiro*
Aurora • *Aline Mota*
Poiética Aidil • *Beatriz Tolú*
Altar de firmezas • *Caíque Santos dos Santos*
os dias de um rio • *Rubens da Cunha*
- 27 **Conversa para conhecer o percurso do rio:**
“eu me entreguei e escrevi.” • Entrevista
- 37 **Afluente de leitura I**
Encontro de Águas: memorial
Beatriz Tolú
- 40 **Afluente de leitura II**
Dos conselhos de Aidil: contemplar para abrandar
Sarah Roberta de Oliveira Carneiro
- 45 **Afluente de leitura III**
As mulheres sagradas de Aidil Araújo Lima: o avesso da pele
Aline Mota
- 50 **Afluente de leitura IV**
as múltiplas temáticas de *Mulheres Sagradas*
Ailton Queiroz Fraga Junior
- 56 **Quando o rio dessedenta os seus:**
projeto “Com leitura e com afeto”
Rubens da Cunha e Aline Mota
- 60 **Aquilo que fica nas margens**
- 62 **os timoneiros / as timoneiras**

A nascente

Rubens da Cunha

“Para os bichos e rios, nascer já é caminhar”, nos diz João Cabral de Melo Neto (1997, p. 89) no poema “O Rio”. O rio é um curso de água natural que sempre vem de algum lugar e vai para algum lugar. É um movimento contínuo, um andar sem parada, curvilíneo, incansável. O fim de um rio se dá quando ele vira lago, vira outro rio, ou chega ao mar: é um fim líquido, melhor, um outro começo. Há outro fim mais trágico: quando o rio seca e deixa na paisagem apenas um leito esturricado, um vazio sem nome. Enquanto um rio está em movimento, mesmo que atacado pela poluição assassina dos humanos, ainda resiste, ainda há algum lugar em que ele nascecaminha puro, límpido.

Aqui, adjetivamos Aidil Araújo Lima de “escritora-rio”, não apenas porque o rio é uma de suas temáticas mais usuais, mas porque ele foi e é um dos seus grandes interlocutores, no caso, o Rio Paraguaçu. Esse rio começa a caminhar no Morro do Ouro, em Barra da Estiva, interior da Bahia, e termina seu percurso na Baía de Todos os Santos. Quando passa por Cachoeira, lugar-oráculo de Aidil, ele já andou mais de quinhentos quilômetros, atravessou regiões diversas, cumpriu seu destino de alimentador e dessedentador de milhares de seres. O Rio Paraguaçu vem com muitas histórias quando chega ao Recôncavo. Por ali, encontra Aidil, uma sua igual: escritora que também tem muitas histórias, muitos caminhares pela vida, muitas vozes. É uma autora que carrega em si não apenas o agora urgente, visível, mas largas ancestralidades, além de portentosos futuros.

Aidil Araújo Lima nasceu e já começou a caminhar. Seu lugar de nascimento é em Queimadas, no interior da Bahia, com dois meses de idade, veio com a família para Cachoeira. Aqui podemos pensar no contraste desses dois nomes: Aidil teve um nascimento no fogo, mas o rio que ela é a fez parar na molhada Cachoeira. Ainda criança, teve acesso grande à leitura, pois sua mãe era professora de Língua Portuguesa. Jovem, foi para o Rio de Janeiro estudar e depois morou em Vila Velha, no Espírito Santo. Retorna à Bahia, transitando entre Salvador e Recôncavo, para depois, fixar-se em Cachoeira. A escritora-rio integrou o Movimento Negro Unificado no Rio de Janeiro, cursou Filosofia e Jornalismo na Universidade Católica de Salvador, tendo atuado também como professora e bancária. Apesar de escrever desde sempre, pois a escrita era “uma forma de contar a alguém. Através da escrita colocava para fora as inquietações diante da vida”, não houve uma publicização dessa experiência. Nos moldes de Cora Coralina, Aidil viveu, experienciou, cursou e percorreu seu destino, para

depois, aposentada, com uma residência fixa em Cachoeira, dedicar-se especialmente à produção literária. Alcançou com suas obras em contos e poemas diversas premiações, entre elas Menção Honrosa no Concurso Literário Cléber Onias Guimarães com o conto *Resistência*; premiada no Concurso Internacional Jubileu de Ouro de Mogi das Cruzes - SP com o conto *Ponto de Cruz*; seu poema *Efêmero Gozo* foi selecionado e publicado na Antologia *Mil Poemas para Gonçalves* em homenagem a Gonçalves Dias; foi selecionada pela FUNCEB (Fundação Cultural do Estado da Bahia) no Mapa da Palavra; Junto a outros e outras escritores e escritoras, participou da programação da instituição na FLICA-2016 (Feira Literária Internacional de Cachoeira). Aidil também publicou na *Revista de Literatura da União Latina*, *Revista Philos*, em maio de 2017 e faz parte do Portal Escritoras Negras da Bahia, desde julho de 2017. Tem diversos textos publicados em antologias e revistas literárias. Em 2017, publica seu primeiro livro, *Mulheres Sagradas*, pela editora Portuário Atelier Editorial. Seu segundo livro, *Páginas Rasgadas*, foi publicado em 2020, pela editora Segundo Selo.

o primeiro olho d'água: *mulheres sagradas*

Mi voz no es sólo mía. De mi gente, la palabra que viene renaciendo, yo soy la portavoz. Aunque joven, mujer, madre, en mí resuena una voz que viene desde antiguo, palabra que no muere, versos de sal, poemas que se dicen.
Yenny Muruy Andoque

“Vasculhando a memória, vou extraíndo enredos que tecem a trama da vida das mulheres de santo, mulheres negras, resgatando suas histórias” (LIMA, 2017, p. 23). Essa é a primeira frase da apresentação que Aidil Araújo Lima faz em seu livro *Mulheres Sagradas*, lançado em 2017 pela Portuário Atelier Editorial, uma pequena editora da cidade de Cachoeira. No prefácio que faz para o livro, a escritora, atriz e educadora Rita Santana (2017, p. 11) reforça essa ideia: “Aidil tem a consciência de que é uma escritora em atividade e de que sua voz carrega muitas vozes, pois representa mulheres que foram secularmente silenciadas e que ainda são preservadas na invisibilidade”.

O processo de escrita de Aidil é caminhante como um rio:

Minha escrita não surge de forma planejada, minhas palavras são inquietas, vorazes, escorrem da perplexidade da vida, são deslocamentos de palavras para um sentido nunca visto antes, que me deixam em êxtase. É nesse estado que me debruço sobre o texto e

vou escrevendo num susto, quase sem respirar, as lembranças vão chegando, memórias imagéticas e... Pronto. (LIMA, 2023)

A maturidade, o isolamento na área rural de Cachoeira (BA) e a dedicação plena à literatura concedem o espaço e o tempo necessário para que essa escrita flua e se molde em textos reveladores não apenas da vivência da autora, mas das vivências de mulheres que habitam no entorno. É nesse jogo entre memórias, invenções, imaginações, narrativas suas e de outras mulheres que Aidil constrói a sua escrita. Talvez por isso, ao guardar essas mulheres num livro, Aidil deu a elas o epíteto de sagradas, não por serem divinas, mas, justamente, por serem feitas em carne, em diáspora, em silenciamentos impostos e em silêncios escolhidos, feitas em sangue e memória, em corpo e axé. Feitas em quartos, salas, cozinhas, terreiros. Feitas nas relações com as árvores, com o rio, com os homens, com os filhos e as filhas, principalmente. As mulheres sagradas também são feitas em “literatura-terreiro”, que conforme Henrique Dias (2016, p. 55), é uma literatura que: “liga-se aos textos produzidos desde o corpo negro permeado pela cosmogonia africana e negro-brasileira.” Trata-se, portanto, de uma conexão com as “epistemes que circulam nas religiões afro-brasileiras e, prioritariamente, refere-se às produções oriundas destes espaços que se vinculam a uma dimensão não só oral mas multimodal diaspórica” (DIAS, 2016, p. 55).

Mulheres Sagradas é constituído por 32 narrativas breves que transitam entre o conto, a prosa poética, o relato. É um mergulho fragmentado no mundo das mulheres negras, mulheres de santo do Recôncavo Baiano. São lavadeiras, costureiras, donas de casa, estilistas, mulheres de santo, prostitutas. Anas, Joanas, Marias que buscam na luta do seu dia a dia se conectar com a natureza, o sagrado, também com seus corpos cotidianos, seus desejos de mudança e liberdade. Há nessas narrativas, alguns pontos em comum: a profunda relação entre mães e filhas, o constante abandono dos maridos e pais, o encontro com o sagrado ancestral que proporciona uma mudança de vida. Além disso, permeiam as narrativas, por um lado, a violência doméstica, o racismo cotidiano e institucionalizado, por outro, a resiliência, a força e a fé na vida, no trabalho e nos orixás.

o segundo olho d'água: páginas rasgadas

(...) A voz de minha filha / recorre todas as nossas vozes / recolhe em si / as vozes mudas caladas / engasgadas nas gargantas. / A voz de minha filha / recolhe em si / a fala e o ato. / O ontem – o hoje – o agora. Na voz da minha filha / se fará ouvir a ressonância / o eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo

A editora Segundo Selo lançou uma coleção intitulada Coleção das Pretas, dedicada a publicar escritoras negras. Em 2020, Aidil publica nessa coleção o seu segundo livro *Páginas Rasgadas*. Mantendo a forma do primeiro livro com narrativas breves, Aidil aprofunda ainda mais sua temática: mulheres e seus enfrentamentos pela vida, ou como nos diz Lílian Almeida (2020) na orelha do livro: “é um corte na carne dos dias das personagens femininas negras e seus comportamentos e dissabores.”

Dessa vez são 27 narrativas que se impõem ao próprio título escolhido pela autora, que ao ser perguntada sobre o motivo do título responde: “Rasgaram a história verdadeira do povo negro do país.” Nessas narrativas, Aidil realiza o trabalho da escrita justamente para dar lugar e voz às páginas rasgadas pela sociedade colonizadora e branca. Aidil refaz o rasgado, costura, remenda, remonta, recria, reconta, assim, essas páginas ganham, nas breves narrativas da autora, outros espaços, outros entendimentos, algo mais vivo, mais dentro, mais pleno de significado.

No posfácio, a poeta e professora Lívia Natalia (2020) também diz que esse livro “nos devolve algo há muito perdido, a força de nossas histórias no que estas podem dizer sobre quem somos nós, recuperando a alma daquilo que nos compõe.” Obviamente, esse ‘nós’, centra-se na mulher negra, pois tanto em *Mulheres Sagradas* quanto em *Páginas Rasgadas*, a temática gira em torno da experiência dessas mulheres. Aidil sabe de onde escreve e sobre quem escreve. Não há subterfúgios, fugas ou escamoteios em suas narrativas. Porém, sua linguagem elaborada e poética, sua força criativa e sensível abarca qualquer leitor ou leitora que esteja minimamente aberto para entrar nesse mundo de vastidões. Trata-se, portanto, de uma literatura capaz de abarcar a todos, pois ao abarcar profundamente a sua especificidade temática e de linguagem, consegue dialogar com “o mais que humano em nós”, para usar um verso de Caetano Veloso.

Convite à navegação

O segundo Caderno Trilhos - Literaturas do Recôncavo convida os leitores a navegar nesse rio. Primeiramente, enfrentando 4 correntezas, retiradas dos livros *Mulheres Sagradas* e *Páginas Rasgadas*, além de dois textos inéditos gentilmente enviados pela autora para esse Caderno. Aidil também nos fez nadar em poesia, por isso, Rubens da Cunha, Sarah Roberta Carneiro, Aline Souza Mota Nogueira, Beatriz Tolú e Caíque Santos dos Santos escreveram poemas para a escritora-rio. São breves poços que ofertamos a quem tanto nos mata a sede. Depois, vamos conhecer um pouco mais sobre Aidil, seu projeto ético e estético, na entrevista concedida aos organizadores desse Caderno.



Foto: Emaxsuel Rodrigues

A partir disso, vamos conhecer nossos afluentes de leitura. Beatriz Tolú nos traz um memorial poético sobre o seu encontro com Aidil, além de dirigir muitas das fotos aqui inseridas, bem como realizar o vídeo “Encontro de águas – Aidil”¹, disponível no site da Revista Trilhos. Sarah Roberta de Oliveira Carneiro investiga alguns conselhos que a literatura de Aidil nos dá em seus dois livros publicados. Aline Souza Mota Nogueira mergulha em *Mulheres Sagradas* para mostrar “o feminino rasgado pela frente e pelo avesso”. Por fim, Ailton Queiroz Fraga Junior reflete sobre as várias temáticas presentes nas obras de Aidil, sobretudo em *Mulheres Sagradas*.

Trazemos aqui, também, um breve relato de um encontro que Aidil teve com leitoras, em Cachoeira, em 29 de Abril de 2022. Trata-se do projeto

¹ <https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos>

“Com leitura e com afeto”, coordenado por Camila Austregésilo, que ocorreu na Biblioteca Municipal de Cachoeira, à época coordenada por Marcelo Souza, reunindo autores e autoras com pessoas com mais de 60 anos, para uma tarde com leitura, conversas, afetos múltiplos. Aqui, apresentamos alguns registros e depoimentos desse momento sensível e poético, que a equipe organizadora desse caderno teve a oportunidade de acompanhar.

“Foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar”, nos diz o samba de Paulinho da Viola. É com esse espírito de deixar o coração se levar, que convidamos leitores e leitoras a ler, conhecer, se aprofundar e se transformar com a obra literária de Aidil Araújo Lima, a escritora-rio.



Foto: Ton Fraga. Direção de fotografia: Beatriz Tolú.

Das correntezas em *Mulheres Sagradas*

Aidil Araújo Lima

Fio de Silêncio

Se o avô estivesse no mundo dos vivos a solitaria do retrato só com palavras, mas a mentira da vida é nos fazer acreditar que podemos costurar esperanças, ela pensava enquanto alinhavava os sonhos de outras mulheres. A tarde mornava, o olhar desincerto lutava para enfiar a linha na agulha. Amparou os pensamentos nos tecidos, debruçando a vista na janela. Esfregou os olhos pensando ser delírio, olhou novamente. A menina ainda brincava de esconde-esconde, saindo do cemitério dos pretos, correndo para o cemitério dos brancos, depois ela entra na Igreja do Rosarinho, tão cheia de vigor que se desconheceu. Só se reconhece quando a menina lhe acena e sorri. A memória retrocede em cambalhotas de quando era criança, só pelo prazer de ver a cidade virada de cabeça pra baixo de lá do alto. Ela não lembra que dia aconteceu a chegada dos turistas, curiosos como o cemitério de brancos e negros, um em frente ao outro. Só recorda que eles a escolheram para tirar foto junto dos túmulos, diziam-lhe ser uma negra linda. Ela se orgulhou e ficou paradinha ao lado de várias catacumbas, a imagem se impregnando da alma dos antepassados. Depois desse dia nunca mais foi a mesma, sua alegria ficou presa nos retratos. Largou mão do estudo, ia para a casa da madrinha no Largo d’Ajuda aprender a costurar. Pensava que podia descosturar sua vida do retrato e coser outra com agulha e linha. Quando o sol esfriava, voltava pra casa, descia a ladeira e corria para o rio Paraguaçu, gostava de ver a imagem refletiva na água, nesse instante a alegria presa no retrato se soltava e ela ria. O tempo foi curvando seu corpo sobre as linhas, os seios encolhendo dando espaço ao corpo. As moças bonitas que chegavam com panos de seda, só lembravam o retrato que os turistas lhes prometeram mandar. Enquanto isso um fio de silêncio costurava sua vida. Certa vez, estava marcando o vestido nos contornos do corpo de uma mulher em frente ao espelho, percebeu seu corpo estragado. Pegou umas contas amarelas largadas num canto, foi enfiando na linha sem nenhuma certeza, só queria matar o tempo, enganar o pensamento. Sentiu um arrepio no corpo. Deus benza. Veio a ideia de pegar ervas de Oxum e lavar o corpo, a água correu desenrugando a pele, desembuçando a alma, até vontade de cantar nasceu na garganta, entoou uma música antiga, que sua avó cantava para Oxum. Como é a vida – pensava enquanto descia as escadas em frente ao rio. – Coseu tanto pano, e a esperança estava era nas contas. Inespera o que vê. Os retratos. Todos. Boiando no rio. Rapidamente

sua imagem se dissolve. Deu vontade de dançar, de ser mulher tocada, de sentir coisas nunca sentidas antes.



Foto: Ton Fraga – direção de fotografia: Beatriz Tolú

Riso Tardio

Nasceu sem choro, diferente de todos que chegam ao mundo. Parecia até que sabia sua curta ocasião de criança, antecipou o tempo, engatinhou com três meses e com cinco já andava. Gostava de lama, criava brinquedos de barro; a mãe vendia na feira para ajudar na comida. Quando resolveu brincar de gangorra, tão leve, que o vento a carregava bem alto, assustando as mangas que de súbito despencavam. A mãe pegava as frutas e vendia na feira. Resolveu fazer pipas, voaram longe, enchendo o céu de cores, a mãe também vendeu as pipas na feira. Entendeu com o tempo que as crianças nasceram para brincar e ela nasceu para sustentar a família. O pai, cansado, arrastava-se pela casa atropelando os passos. Vivia ralhando com o destino de tanta miséria na vida. Ela só não entendia como ele fazia tanto filho, a mãe tinha um a cada ano. Diminuindo os nadas da comida. A fraqueza o levou para o mundo dos mortos. Ficou ela, a mãe e os muitos irmãos. Dois anos depois, a mãe acompanhou o pai na viagem. Ela tinha

sete anos, a mais velha de todos. Os parentes só quiseram a pensão, deixou-os entregue à vida. Vez em quando levavam uma cesta básica. A menina ainda tinha os sonhos de criança, largou a infância, virou mãe. Sua vida era cozinhar, lavar e prantear, as lágrimas correram tanto que se misturaram ao barro criando figuras encantadoras, coisa nunca vista antes. A menina levava os irmãos para escola e seguia rumo à feira para vender seus artesanatos. Cada dia criava coisas mais extraordinárias, os pensamentos escapuliam de repente nas mãos de menina e mulher. Saiu da miséria, esqueceu as brincadeiras de fazer comida com tripa de galinha e língua de vaca, folha saborosa. Os meninos foram crescendo, estudavam e cumpriam horário na galeria. Acaso ou destino, algum fotógrafo famoso passou por ali. Divulgando seu trabalho pelo mundo. A menina virou mulher em tamanho, largou mão de vestir roupas alheias, afluindo saberes dos ancestrais africanos, criava símbolos sagrados. Sua foto foi até capa de revista. Pela primeira vez, ela se viu bonita, quando olhou aquela foto na revista, não se reconheceu, revelava uma mulher de beleza marcante. Passou tanto tempo assumindo papéis avançado da idade, esqueceu-se de ter vaidade. Certa feita ela se riu e foi tão tardio...

Foto: Ton Fraga. Direção de fotografia: Beatriz Tolú



Das correntezas em *Páginas Rasgadas*

Aidil Araújo Lima

Pititinga

Fatalmente não era um dos melhores dias da vida de Leda e tinha que ser mulher negra, pois só ela consegue suportar infinitas dores, humilhação, sem desabar. Certamente, herança de seus ancestrais que aguentaram trancos e barrancos, firmes.

Precisa de um porre de alegria.

- Onde já se viu, tirar minha filha da peça e colocar a filha do Dr. Paulo, uma menina branca, uma afronta.

Fica a revirar a alma. Consola-se com a lembrança do primeiro filho que logo irá concluir a faculdade. Seus olhos sorriem. Decide caminhar pelas margens do Paraguaçu sentindo o vento batendo em seu corpo jogando para bem longe todo e qualquer preconceito. Sentiu-se tão leve que quando deu por si estava no Tororó. Encontrou seu Agostinho, sentado no batente da porta, cachimbo na boca, cuspiendo de tempo em tempo uma nojenta gosma marrom.

- Bom dia, minha filha, está triste, não é?

Leda relata o episódio com a filha e lamenta que tantos anos depois que os negros aqui chegaram pela força e ainda acontecem situações que não cabem na atual condição de direito à igualdade. – Tem havido muita luta, vai chegar um tempo em que teremos voz e respeito, ocupando espaços que nos é negado; por enquanto, inventaram até um nome pra chamar a gente, não somos mais pretos, somos afrodescendentes, resmungou o velho.

Interrompe a conversa e levanta o olhar: Veja! os barcos estão voltando cheios de pititinga.

- Eu sonho, minha filha, em ver a televisão com cara de Brasil, não como agora, com um punhadinho de negro.

E continua com olhar além do rio, matutando os pensamentos. A serenidade e o cheiro de cachimbo de Seu Agostinho acalmam sua respiração. Um riso chega aos olhos de mansinho, traz uma lembrança da mãe, na varanda da casa, com uma bacia grande cheia de pititinga, comadres em volta, conversas animadas e limpeza dos peixes. À medida que o vento atravessa os rostos daquelas mulheres, ia abrindo caminhos de histórias de alegria. Rio dos casos de dona Filomena, cujo marido, mesmo puxando da perna, tinha uma amante na Rua dos Remédios. Homem sério, respeitoso, não queria que a mulher soubesse dessas escapulidas, então se disfarçava com uma capa preta que envolvia até o

rosto. Porém, o seu andar denunciava, atizando o coração de malícia de algumas pessoas. Em poucos minutos, Dona Filomena já sabia do marido. Aliás, ela sempre soube, fingia, e até com a informante que chegava cheia de falsas boas intenções, ela dizia que não queria saber de fofoca, tinha mais o que fazer.

Finda a limpeza do peixe, trocavam a água por outra com limão, depois fritavam e vendiam na feira, arrumando tudo na barraca feita de tronco de árvore coberta de folha de bananeira. Eram muito bons. As pessoas chegando cedo para comprar seu petisco.

A mãe de Seu Agostinho, negra forte, tinha dentes alvos, riso farto, insubmissa. Sempre dizia: “Não nasci para ser escrava”. Sua vida, uma luta. Acordava cedo, pegava o barco, descia o rio, jogava a rede e geralmente voltava cheia dos peixinhos, ganhando assim dinheiro para o sustento dos filhos. Era uma mulher livre naquele tempo em que as mulheres negras reproduziam o trabalho da casa grande, ou trabalhavam na casa de branco, ou lavavam roupa de ganho, as famosas ganhadeiras. Ela nunca aceitou essas tarefas, fez questão de dar estudos aos filhos e ela mesma estudou à noite. Com cinquenta anos se formou professora. Consumia-se em labuta, mas venceu e conseguiu colocar todos os filhos na Universidade. Algumas mulheres, mesmo negras, torciam o nariz e nem lhe davam assunto. “Não devemos perder tempo com pessoas que andam para trás feito caranguejo”, dizia para seus filhos e filhas.

Despede-se de seu agostinho, faz o caminho de volta. Para em frente ao rio, olha à sua volta, vê a Pedra da Baleia. A emoção do silêncio se converte em discretas intimidades que dão força para que se realizem seus sonhos de equilíbrio social.

do outro lado

Encontro nas margens do Rio Paraguaçu uma sensação de aconchego, de acolhimento. Caminho assim, desde menina, tendo esse velho como confidente. Ele dissolve minhas amarguras, sussurra em meu ouvido umas cantigas de alegrar pensamento e eu rio. Hoje fui atraída pelo deslizar manso do trem sobre a ponte, vindo da cidade de São Félix, para reganhar fronteiras. Sinto como uma melodia de acordar em lembranças, tempos de menina, quando atravessava para o outro lado de canoa, seguia sossegadamente pelo rio, brincava com a água que abria caminho de espuma soltando borbulhas de carinho. A finalidade desse deslocamento era só ir pelo rio e voltar pela ponte de madeira antiga, conhecedora de muitos segredos.



Foto: Ton Fraga

Há alguns anos, tínhamos entre doze e dezessete anos, eu e minhas amigas, isso era uma grande diversão. Sentadas na canoa, sempre começávamos a contar as casas da outra cidade, que ficam no morro em frente, em forma de presépio. Nunca terminamos essa contagem.

Num lapso do tempo, vejo meninos subindo, agarrando nos ferros que seguram a ponte, sem medo algum e, de lá do alto, eles pulavam no rio. Assistimos essa estripulia ao longe, em suspense, até que de repente eles retornavam à superfície. Já houve casos de não conseguirem retornar das profundezas das águas, do corpo ficar lá embaixo, transformando o momento em tristeza. Não só a família e amigos ficavam em luto, toda a cidade entristecia com a tragédia. Todos caminhavam para as margens do rio, despejando lá suas lágrimas, que salpicavam acalanto, recompondo vontade de seguir em frente.

A velha ponte é espaço de lembranças: brincadeiras na água, encantamento das pessoas sentadas em sua estrutura de ferro lá no alto, desafiando a vida. Imagino que ela, a ponte, deve sentir saudade do seu piso de madeira, eles foram relegados a coisa alguma, trocados por metal.

Verdade certa é que foram abandonados, soltos pelo tempo, criaram fendas largando pessoas despercebidas num abismo, sem aviso anunciado, precipitavam-se na água, muitos ficavam lá no fundo do rio, sem contar como aconteceu esse passo tão despreocupado.

Outros se sentavam em seus bancos de ferro, só para o olhar e esquecer de si mesmo, observando a vida alheia? Alguns paravam para um descanso, ali é caminho de trabalho e de estudo ou perambular do outro lado, viajavam mais que os maquinistas, conduzindo os vagões de trem. Alguns ficavam para admirar as baronesas, plantas que iam e viam de acordo com a maré. Retorno do devaneio atinando para a sumiço das plantas imponentes; imagino ser a barragem, a responsável pelo desarranjo da natureza.

Das correntezas inéditas

Aidil Araújo Lima

Mal de sete dias

Minha mãe Candice lia com os sentidos. Quando nasceu outra dentro de mim, a menina e a mulher se misturando no apercebimento da vida, atinaram sua sabedoria do mundo. Antes, eu ria e ia me deixando fecundar pelos pensamentos alheios. Quando nasci, minha mãe me vestiu pelo avesso durante sete dias sem sair do quarto. Esse costume foi trazido de África pelos meus ancestrais. Uma maneira de subverter um destino amargurado.

Eu ria dessas conversas e pensava ser credice de gente sem instrução. Um dia, de repente, os sinais foram se mostrando, primeiro um livro, li todo. Uma inverdade sobre meu povo. Li de novo, outra vez mais. Escancarei o olho. Eles mentem. E agora?

- _ Teria que ler tudo novamente?
- _ Todos os livros que li até esse tempo?
- _ Aprender outras verdades?

Foi quando encontrei outros escritores que me diziam que raça foi um conceito criado para manter um povo abaixo, inferiorizado. Que a democracia racial foi um termo inventado para nos mantermos calados.

Diante dessa descoberta, entendo minha mãe e suas verdades. Penso que acessou conhecimentos transmitidos por nossa ancestralidade através da intuição.

Ela sabia muito, via além das mentiras contadas, escritas como verdade. Mais um sinal, de olho novamente. Acho que pelo olhar o mundo se faz. Tem um olho escondido nos nossos sentidos, pois os cegos também enxergam, basta estar conectado, desligado do vazio que nos impõe as aparências. Há alguns dias senti a vida perdendo a alegria, foi esvaziando o riso, o encantamento com as coisas belas, me sentindo que nem planta acabrunhada, precisando de água de renascimento, pensamento estancado no nada da existência, parecia um buraco em que deixamos de ser alguma coisa, foi aí que recebi um chamado, uma celebração com caruru, comida feita com quiabo picado, oferecido aos ibejis, orixá criança. O vento sacudiu meu ânimo, em poucos minutos já estava limpa pela água, roupa bonita e cheiro de alfazema no corpo. Coloquei o anel de búzio da costa, presente da minha avó; em passo acelerado cheguei à festa, comi com avidez o caruru, quando me deparei com um quiabo inteiro, e agora? A dona da festa me disse — é com você e eles. — Eles quem? São Cosme e São Damião — ela me responde.

— Mulher... Você tem que oferecer caruru para eles. Estão te pedindo para quebrar o quebranto que está sobre você.

Ai... Dona Candice, dona Candice, a senhora esteve certa todo tempo, quando me vestiu pelo avesso por sete dias, protegendo minha vida das doenças que chega pelo olho dos outros. Agora ela está no outro plano, penso que ela escuta o que digo — sinto cheiro de incenso quando falo. Sete dias depois desse acontecido, comprei os quiabos, balas, muitas balas e, outros necessários – azeite de dendê camarão, amendoim; chamei pessoas de talento para preparar essa iguaria. Muitas pessoas se ofereceram, dizem que quem ajuda no preparo também recebe a energia, o axé. Criança surgiram num chamamento sem palavras. Primeiro dei a comida para os erês, orixá criança.

Depois sete crianças comeram, só depois foi distribuído aos outros que ali estavam, ávidos para saborear essa comida sagrada.

A alegria foi crescendo dentro de mim, vontade de cantar, o vento sopra na mente um canto que vem de longe, atravessando mares, oceanos, arrepiando as vistas, ampliando o caminho. A voz não é minha, são tantas, que me balançam vontades. Tantas. Uma satisfação de quem espera por longas estações, de terra seca quando chove, de uma mãe assistir o sono do filho abrigado sob o teto, corpo aquecido e alimentado, do abraço da chegada do filho da escola livre de balas malvadas, uma coragem de viver. Vejo Ogum a minha frente, iluminado por uma cor azul, e rio.

Vento

Resolvo mudar por decisão de minha vontade. Vontade empurrada pelo vento. Sempre hesitei em trocar de lugar na vida.

_ Um dia, caminhava em rua de movimento, o vento surgiu do nada, veio direto no meu calçado _ me empurrou o corpo insistentemente em várias direções. Tentei me segurar sem sucesso algum, me esparramei na rua.

Catando nada. Estava enlouquecendo?

Não tinha explicação, procurar nada.

_ Nada via... Apenas sentia... Coisas empoeiradas guardadas, sem valor de existir.

Fui socorrida por bondosa senhora. aparecida em meio a multidão _ nem sei como viu meu desespero. _ As pessoas com passos ligeiros a cercavam.

Também não sei por que não a empurravam _ movimentava o corpo tão rápido evitando o atropelo pela pressa. _ como pião. Brinquedo da infância, quando a criança solta no chão, roda tão rápido _ quem vê, pensa estar parado.

Nesse lugar de movimento, diz, com voz desacelerada _ solte a poeira, as teias, o que não usa mais.

_ O que? Pergunto sem entender.

_ Você sabe. _ Responde.

_ Eu sei.... _ É. Eu sei.

Decido. Me solto do vento. O vento me solta. Sigo.

Procuro faxineira, vasculhadora de destino, para ajudar na missão.

Tenho exigência de cuidados com tecidos antigos, empoeirados, quase esfarelados. Seguindo esse protocolo uma agência envia a pessoa. Ao chegar, o susto paralisa minha visão.

_ Será possível? _ A mesma mulher que virou pião na rua. Igual em corpo, feição. Trajes humildes _ diferentes.

_ Eu te conheço. _ Afirmo

Ela me olha desentendida.

_ Desculpe senhora, algumas pessoas são parecidas. _ Nunca a vi, na vida.

Esqueço encabulada o inútil comentário

Descrevo em minúcias o trabalho a ser feito. Acompanho ao primeiro vão de limpeza.

_ Senhora, há teias de aranhas antigas, mofos, objetos em desuso – ela diz com arrogante precisão.

_ O valor será aumentado. Será limpeza de um dia, acumulada em anos.

Continuo silenciosa. Enquanto ela continua, pega grande saco de lixo, puxa fios e mais fios das teias, como se dessem volta ao mundo.

Após tirar toda teia, troca de luva _ pegando uma caixa.

Coloca objetos acumulados sob antiquíssima cômoda.

Interrompo _ creio não ter me entendido. Os objetos são para limpar. Não jogar fora.

_ Senhora, tempo e vento andam juntos.

Estranho ela falar do vento, como se soubesse daquele instante _ o vento esparramando teias da minha vida inteira no chão.

Emudeci os gestos.

_ Essa cômoda é bonita, coloco na sala _ ela diz firme nas palavras.

Pega o colchão esfarrapado _ anos sem uso. Esperando... O quê? Não sei.

No quarto ficaram _ linda cama antiga, criado mudo, resumido guarda-roupa, espelho grande com aparador ao lado.

Não sei o motivo _ porque a deixo falar sem colocar meu desejo. _ será pelo vento rodopiando dentro de mim, sem ninguém notar, até ser socorrida por gentil e desconhecida senhora.

_ São tão iguais, a diferença está na precisão da indumentária.

Nessa distração do pensamento, a cortina, barreira para o sol, foi para o lixo.

_ Minha voz ganhou vida _ coloque as cortinas de volta.

_ Ao invés. Por favor, lave antes.

Planta quando apodrece não tem água que dê vida. Tem que ser arrancada da terra.

Mas... tento um argumento _ como se fosse necessitado. Afinal... a casa é minha.

_ Imagine uma vida sem luz do sol, sem calor... É uma vida sombria.

Finjo que estou no comando da situação _ autorizo. Regresso e... Regresso a vida. A luz inunda o ambiente quase vazio, espaço para a dança do vento.... do ventre da terra... do meu ventre...

Cinco poços-poemas para Aidil

Das lembranças

“Dance, logo insista”.
Eis a frase que minha mãe
sussurrou em meu ouvido,
quando deixei o seu ventre
e ganhei mundo.

Eu escutei.

Depois, mamei, brinquei,
cresci, caí, levantei,
estudei, virei gente grande.

Certeza tenho
de que minha mãe
descartou Descartes em mim,
e acendeu a esperança,
e espantou o medo,
e me levou pro samba,
e me deu elo com a fé,
e me fez amar os dias,
e me legou a coragem
para enfrentar todo
e qualquer beco
sem saída.

*Sarah Roberta de Oliveira Carneiro
Cruz das Almas
28 de agosto de 2022*

Aurora

Este era um dia especial para Linda. A claridade apontava os sinais do amanhecimento. A previsão do tempo era de tempo estável para envelhecer. Ela completava naquela data 60 anos de idade. O corpo dava sinal do cansaço nas costelas doloridas e na voz rouca de professora aposentada. Naquela manhã ela levantou cedo, calçou as sandálias varrendo o chão e foi até o espelho antes de iniciar o roteiro do dia. A imagem refletida relembra a mãe. Cabelos grisalhos, crespos, olhos graúdos maduros, rugas finas definiam as linhas da testa que separavam histórias de uma vida inteira. A chance de envelhecer era a sua meta. Uma lágrima teimava em escorrer e molhava a pele escura e brilhante com a lembrança do passado. Quando criança olhava a (in)felicidade da mãe e dizia para si mesma que queria ser feliz de verdade em toda sua mocidade e não esperar a vingança felicidade na aposentadoria. Não iria esperar por um homem da Leste, sentada na porta de casa. Decidiu muito nova encarcerar os padrões e abrir o portilho da educação. Todos os dias descia a ladeira da cadeia e ia para o leito do Paraguaçu desvendar as letras e as palavras que traduziam a oportunidade de mudança de vida. Com o passar do tempo estudou e se formou no Colégio Estadual de Cachoeira e se tornou uma professora, para ensinar outras meninas pretas sobre sua herança ancestral, seus ritos e ordenanças. O corredor comprido da vida a levou a muitos caminhos íngremes e pedregosos, porém subiu cada batente. O cheiro do eucalipto invade o quarto e ela desperta de suas memórias. Abre a janela e o vento dança no tecido da sua camisola. Debruçada na janela inspira o ar da manhã e costura o dia em sua mente. Gargalha e alimentada de palavras e imagens do passado busca ocasião na memória para comemorar esse dia tão esperado. O pé de jambo estava carregado e ela lembra de Aurora. Aquela que era como o nascer do sol, que brilhava. Em uma manhã chuvosa de março, uma febre e uma crise convulsiva a levou para o oriente de onde tinha vindo, aos três anos de idade. A lona furada derramou todo o desespero. Linda precisada de se manter de pé, continuou a labuta diária do trabalho com as crianças, ensinando o beabá das letras e da vida. Aprendeu a aquietar a mente e a saudade quando enchida de ânimo vislumbra o nascer do dia e ali vê sua menina lhe sorrir a cada manhã dizendo: continua firme, mamãe.

Aline Mota

Santo Amaro

25 de março de 2023

Poiética Aidil

Água doce e mar, Ogum e Oxóssi, Recôncavo, Salvador. Ela me conta, num diálogo intervalado entre os cigarros e os goles de café, quais as fontes que bebe para escrever. Aidil escreve como quem também come pelas beiradas das histórias comuns de mulheres que conheceu em seu caminho. Um pedacinho ali, outro aqui, e o banquete do final da tarde está completo: um novo livro, uma nova história no mundo, do mundo.

*Beatriz Tolú
Cachoeira
29 de Julho de 2022*

Altar de firmezas

Altar de firmezas
entre as ruas de pedras
e o rio Paraguaçu.

honras matinais abeiradas
escoam em cascata
pelas escadas,
e pelas palavras calçadas de faltas
do em vivido desaguar.

Aqui, o sol já se deita na pedra da baleia,
a cabeça come nas águas,
a coragem é semente,
o riso também é lar,

Palavras molhadas são cur(ativas) nessa confiança.

Nesse firmamento,
a chuva de cantorias das yabás
banha a cabeça na mata escura,

anunciando a boa viagem.

Caique Santos dos Santos
Santo Amaro
03 de abril de 2023

os dias de um rio

I

Aidil

escreve como se fosse um líquido afazer
ela nos crava palavras de carne e água
ela nos criva sentidos de tempo e alma

se tem lágrima tem riso
se tem racismo tem página sem rasura
se tem violência tem sapiência sagrada
se tem morte tem dentro vivos

II

Aidil

escreve como quem conhece
os dias de um rio

Rubens da Cunha
Salvador,
30 de março de 2023



Foto: Ton Fraga

Conversa para conhecer o percurso do rio: “eu me entreguei e escrevi.”

1) [Você é natural de Cachoeira. Conte-nos como foi a sua infância no Recôncavo.](#)

Nasci em Queimadas-Bahia, indo para Cachoeira aos dois meses e lá fiquei, sendo criada pela família de meu pai. Minha infância foi meio conturbada. Fui uma criança precoce, questionava as relações humanas, talvez por isso me considerassem estranha.

2) [Você chegou a morar fora do Recôncavo? Em caso positivo, como foi essa experiência?](#)

Morei por dois anos no Rio de Janeiro. Fui morar com um tio e estudar. Conheci algumas pessoas que participavam do IPCN (Instituto de Pesquisa de Cultura Negra). Comecei a entender questões que me angustiavam e

que as pessoas diziam não existir, que era invenção minha. Morei também em Vila Velha no Espírito Santo por uns dois anos.

3) Quais foram as questões que a senhora entendeu após participar do IPCN?

A discriminação por cor de pele sempre foi presente na minha vida, embora não entendesse os porquês de muita coisa. Tipo não ver pessoas parecidas comigo em livros escolares, nas mídias. O terror ao assistir cenas de negros vindos de África de forma bárbara, cruel, desumana. Por que essas novelas repetidas de negros sendo chicoteados? Algumas dessas questões foram elucidadas, o intuito era manter o negro num lugar de desumanidade, de negação de si mesmo. Entendi muito sobre essa orquestração do sistema dominante em nos desumanizar. Muitos se diziam morenos, quase ninguém se assumia de cor preta/negra. Tinham vergonha de suas famílias, não votavam e ainda não votam em pessoas de sua cor. Entendi o como e o porquê esse processo de desconstrução de uma “raça”. Uso aspas para a palavra raça, não gosto de usar esse termo, sabemos que ele foi criado na intenção de classificar a comunidade humana em superior e inferior.

4) A senhora falou que foi criada pela família de seu pai e depois que morou com um tio no Rio de Janeiro. Quais são as referências femininas da sua vida?

Sim, fui criada por algumas tias, que me impactaram de diversas formas. Se de um lado, uma me deu a régua e o compasso para desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita, pois ela era professora de literatura. Por outro lado, forjaram essa mulher que sou, observando seus receios de tocar em temas relacionados à religião de matriz africana, como a maioria das pessoas de pele negra naquela época. Desde esse momento, menina ainda, eu sabia o que não queria ser, uma pessoa aprisionada no preconceito contra mim mesma, sem informação sobre a cultura dos meus ancestrais. A vida foi forjando em mim esse olhar crítico sobre tudo que via e não podia falar. Recorri ao papel e caneta, escrevia, desabafava na palavra escrita, desabafava com o vento, com o rio. Lia tudo que encontrava no caminho, queria entender muita coisa, buscava nos livros as respostas.

5) Em seu conto “A casa assombrada” você começa dizendo: Que poder tem as mulheres, até parecem ter apuro nos sentidos. O livro *Mulheres Sagradas* é a sua primeira obra publicada e ele surge apenas em 2017, em uma fase já de mulher madura. Assim como Dalva ouviu os gemidos oriundos da casa amarela, como e quando você “deu ouvidos” a escritora que existia nessa casa/corpo Aidil? Como foi esse processo de se descobrir escritora?

Em que momento da sua vida você descobriu que era isso que queria fazer/ser?

Embora tenha decidido publicar o primeiro livro em 2017, eu já escrevia desde menina. Escrevia poemas, crônicas, contos. Uma forma de contar a alguém. Através da escrita colocava para fora as minhas inquietações diante da vida. Alguns escritos se perderam. Essa é uma grande alegria na vida, dar voz, a tantas mulheres ignoradas pela condição socioeconômica, pela cor de pele e outras formas de invisibilizar a pessoa. Não pensei em publicar, só queria escrever o que observava, colocar essas mulheres como protagonistas de suas histórias e, me encantar com o resultado do que escrevia. Lembro que minha alma dançava ao terminar uma narrativa. Queria saber mais, observava, conversava desde menina com essas mulheres sem nomes e tão altivas.

6) Você é formada em filosofia e jornalismo pela Universidade Católica de Salvador. Conte-nos como foi a sua afiliação na academia, tendo que passar das páginas do seu livro-casa, em Cachoeira, onde podia ser quem era, para a convivência na capital, em um ambiente particular e elitizado?

Cursei Economia na UEFS, Filosofia na UCSAL e Jornalismo na Faculdade Dois de Julho. Esses cursos abandonei, perdi o interesse. Tive uma boa relação com essas pessoas, fiz amigas/os que permanecem até hoje. Eu era uma das exceções à regra devido ao conhecimento que tinha sobre os assuntos, frequentar ambientes ligados à arte, me senti acolhida, embora com muita criticidade por ser uma minoria de minha cor na sala.

7) Por que a literatura? O que a escrita literária significa para você?

A literatura é como acordar numa manhã orvalhada e caminhar pelo campo, sentindo o sol penetrando pelas frestas das árvores iluminando meu corpo e rio. Gosto de caminhar sozinha. Sozinha é que percebo nos gestos, nas palavras uma história e vou desenredando com memórias ou imaginação.

8) Quando você inicia o processo de escrita já tem a história toda pensada e esquematizada ou vai deixando a imaginação fluir à medida que coloca as palavras no papel?

A história vai surgindo, às vezes durmo e sonho com ela pronta, acordo e escrevo.

9) A senhora tem algum ritual para escrever? Onde a senhora escreve?

Sigo o ritmo da vida, acompanho seus passos. Quando dou por mim tenho uma história na cabeça, escrevo desenfreadamente. Antes, estava pronto o texto, agora espero uns dias de descanso das palavras, da emoção e reviso. O ritual é feito pelos orixás, pelo exu que me acompanha, me mostrando caminhos, só vou observando sentindo até que algum sinal me coloca diante do ato da escrita. Gosto de escrever à noite, sigo sem contar as horas, às vezes amanhece e gosto de ver o sol nascendo no texto. Escrevo mais no quarto, um hábito de quando tinha a casa cheia. Queria muito escrever na varanda, me distraio com a natureza.

10) Qual é a situação mais difícil que você enfrentou no processo da escrita? Lembrando aqui daquele verso do Drummond “Não colhas no chão o poema que se perdeu”, você já teve apagão criativo? Desistiu de histórias? Retoma as histórias perdidas?

Já desisti de histórias. Certa vez ouvi algum fato que achei interessante, e comecei a desenvolver, pensar nas imagens. A história foi ficando pesada, a energia era densa demais. Senti arrepio. Apaguei tudo. Cruz credo.

11) Conceição Evaristo diz sobre o livro *Becos da memória*: “Nada que está em *Becos da memória* é verdade, mas nada que está em *Becos da memória* é mentira.” Em *Mulheres Sagradas e Páginas Rasgadas* as narrativas se entrelaçam muito umas com as outras. Na produção dos contos você se inspirou em mulheres conhecidas, próximas, mas, ao mesmo tempo, também inventou? Imaginou essas mulheres? Qual o papel do imaginário, da invenção, nesse seu processo de escrevivência?

Esses contos nascem de histórias de vidas, recriadas com imaginação. São mulheres de Cachoeira. As pessoas que leem o livro lembram de sua avó, sua mãe, de uma tia. Todos os contos nascem de fatos reais que misturo a uma ficção que não é inventada, está no inconsciente.

12) A sua literatura nos permite entrever a possibilidade da auto-ficção. De que forma você pensou esses limites entre o biográfico e o ficcional. Há algum fato vivido pessoalmente por você que é retratado/reinventado em alguns desses contos?

Esses acontecimentos narrados são de várias mulheres, que vou lembrando, ouvindo, recriando. Me intrometo em algumas histórias dando um tom de leveza, de criticidade, um devir que já está sendo. Aquilo que foi o sonho de mães, transbordando esperança, hoje é realidade.



Foto: Ton Fraga

13) Como foi o seu processo de escrita durante os anos 2020 e 2021, com a pandemia da COVID-19?

No início da pandemia escrevi alucinadamente. Em 2021, escrevi uma biografia para um projeto de biografias colaborativas. Eles contemplavam cinco jovens de Manaus que saíram de um lugar de miséria e conseguiram empreender com sucesso. Escrevi a biografia de uma delas, uma jovem publicitária que saiu de um lugar em que sua avó e mãe trabalhavam quebrando babaçu para o sustento da família. Escrevi junto com Vanessa Cancian.

14) Quais são as suas principais influências literárias?

Várias. Alguns me marcaram profundamente como Gabriel Garcia Márquez, Júlio Cortázar. Tive as paixões por Drummond. Lia tudo dele. Guimarães Rosa, li muito. Eram paixões avassaladoras. E tantas/os outras/os; mas, sempre quis escrever algo diferente, de outro jeito, dizer o que nunca foi dito, falar de alguém esquecido, renegado, apagado, dar vida aos rasgados da história.

15) No livro *Mulheres Sagradas* você narra acerca da ancestralidade, religiosidade e do sagrado. Como se deu esse processo de escrita? Você traz apenas memórias pessoais de relatos vistos e ouvidos ou fez algum tipo de entrevista com mulheres? Ou algum tipo de pesquisa mais esquematizada.

Escrever esse livro foi um processo de aprendizagem transformador em minha vida. Fui criada por uma família católica. Embora eu mesma nunca tenha sido. A religião de matriz africana foi perseguida. Eu pouco conhecia. Quando decidi por isso entrei de cabeça nesse universo tão sagrado, fui aprendendo, estou engatinhando. O Universo foi colocando tudo que precisei diante de mim, pessoas, vozes, sons hipnotizantes, um mundo encantado eu me entreguei e escrevi.

16) Na apresentação do seu livro *Mulheres Sagradas* você diz que os textos foram surgindo devagar, através das coisas de menina, crescendo, tornando-se pensamento de gente grande, cheio de reflexões que se calam assim como as mulheres invisibilizadas. O que a impulsionou a dar voz às coisas de meninas/mulheres represadas por um longo tempo e trazer à tona seus desejos, vontades e experiências?

Foram tantas tentativas de desconstrução de identidade de um povo, ao mesmo tempo assistindo sua resistência pela alegria, pela fé que chegava através da força da natureza, do rio, da água que lava a alma sofrida, que alimenta a vida, essa dor e essa beleza, essa tristeza e alegria. Essas mulheres que nunca desistiram, com seu canto, sua dança, seu axé. História simbólicas, reais, necessitavam ser guardadas como um tesouro.

17) Em alguns contos, é perceptível a curiosidade de algumas personagens perante a religião de matriz africana, a vontade e o desejo que elas têm de saber mais sobre o Candomblé. Como você descreveria essa vontade, a partir do seu ponto de vista, antes de adentrar a religião? Qual a sua relação com a religião?

Essa vontade foi minha. Conhecia quase nada. Apenas os cortejos das mulheres de branco, cabeças cobertas com lenços, pelas ruas caminhavam. Houve uma época em que as pessoas da cidade repudiavam, trocavam de rumo, de passeio, se afastando e, eu encantada com todo rito. Ao pensar em escrever sobre isso fui me achegando das pessoas de santo, dos terreiros, assistindo a natureza responder ao toque do atabaque, o sol sumir num instante e o raio chegar quando Iansã era invocada. Nesse processo fiz assentamento do meu orixá Ogum.

18) Quando você escreveu o livro *Mulheres Sagradas* o que queria passar para o leitor?

Homenagear essas mulheres valentes, que resistiram a muitas dores e seguiram em frente com fé e alegria.

19) O que a senhora considera sagrado para uma mulher?

O ato de gestar e nutrir um filho na barriga é um ato sagrado. Não se render a dor da humilhação, da opressão, da tentativa de tirar sua identidade humana respondendo a tudo isso com amor, alegria, num enfrentamento silencioso, é um ato sagrado. As mulheres, negras em sua maioria, trabalhavam na casa de pessoas para cuidar dos filhos deles e, apesar de serem tratadas como objetos, elas devolviam todo desprezo em amor as crianças que cuidavam. As mulheres negras, tanto tempo invisibilizadas, encontravam dentro de si a alegria de viver, criando sambas de rodas, geriam os terreiros, espaço de culto aos seus ancestrais, aos orixás. A sua unicidade e reverência a natureza é um ato sagrado. Essas mulheres buscaram na natureza as cores da alegria, vendendo acarajé em seus trajes de arco-íris, deliciando a vida de quem prova. Essas mulheres relegadas na vida, labutavam dia a dia pela sobrevivência, ainda assim deixaram que o passado se fosse. Escolheram viver o presente, não ficar presa naquela emoção de dor. Viviam afastadas do centro urbano, único lugar possível, locais de natureza exuberante, se reinventando dia a dia, tinham posse de si mesmas. Livre dessa sombra, dessa realidade construída para nos distrair de quem somos de verdade, vestida de aparências, conduzindo o pensar das pessoas. Seguiam o mover da vida, detendo a posse de si. Acessavam lugares não vistos, adquirindo sabedoria para o seu dia a dia, usando ervas para cura, ouvindo o sussurrar do vento, água para limpar energias cruzadas, acessando saberes ancestrais por conta da vida em local sagrado. Cantavam, dançavam, se alegravam na vida em meios as lutas.

20) O livro *Mulheres Sagradas* começa com um texto muito potente “A Reza” apresenta uma mulher de grande fé, ativa, determinada, que encara o homem/marido de frente e sem temor e que adora um samba. Uma curiosidade: como você “dessassombra os tormentos” da vida, para se mover na sua criatividade literária?

O que me deixa leve é caminhar pela natureza. Tomar banho de cachoeira e conversar com o rio. O rio leva todas as minhas dores, meus desassossegos e sigo em frente.

21) *Em Páginas Rasgadas, o Rio Paraguaçu se mostra frequentemente no livro. Qual é a sua conexão com esse rio?*

Eu e o rio Paraguaçu somos um. Estou totalmente ligada a ele desde sempre. Ele é meu confidente, amigo, acolhe minhas lágrimas e a leva para bem longe. Molha minhas feridas e seca as minhas agonias.

22) *Se o rio Paraguaçu falasse o que ele diria de/para Aidil?*

Acompanhei seus anseios por longos tempos, acolhi suas lágrimas, seu riso e os levei para o mar. Eu sou ritmo, eu sou movimento. Você precisa seguir o ritmo da vida, conhecer outros lugares, outras pessoas e em cada lugar que chegar eu estarei lá, bem junto de ti em suas memórias. Elas estão prenhas de mim. Sua essência voltará mais sábia, com novas possibilidades.

23) *Como se deu o processo criativo para escrita dos contos de Páginas Rasgadas? Fale-nos de suas referências e motivações.*

Escutando algumas falas de mulheres negras, fui criando essas histórias que nunca foram ditas. Desconstruir o racismo é o que motivou a esse fazer literário. As mulheres negras precisam se ver nas narrativas. Existem muitas que ainda ocupam o lugar de subserviência, de negação de si mesma.

24) *Por que esse título?*

Rasgaram a história verdadeira do povo negro do país. O que o povo sem dinheiro assiste, a televisão, insiste em voltar a história da escravidão como se isso nunca acabe, com o intuito de manter o negro afastado de si, negando quem é, por se sentir inferior, menor. Há poucos dias uma menina disse que eu era marrom. Ela me chama de tia. Eu falei, sou negra. Ela disse, você não pode ser preta, porque a professora disse que preto é escravo.

25) *Lemos os contos de Páginas Rasgadas e eles saltam pelos olhos entre cheiros e gosto de rio. Os textos nos trouxeram intensas lembranças de criança. Foi intencional provocar esse lugar sensorial no leitor? Como você trabalha esse universo sensorial?*

Escrevo o que sinto. São as minhas sensações, sem intenção de tocar o outro. Se provoco isso, é o rio transbordando em águas que brilham inundando lugares obscurecidos, calejados pela vida.

26) Existe alguma página da sua história que você gostaria de rasgar?

O livro *Páginas Rasgadas* foi escrito na intenção de contar alguns fatos que não têm registro, vida de uma grande parte das pessoas que habitam esse país tão diverso, o nosso país, vida de mulheres negras/pretas da cidade de Cachoeira. Rasgaram as páginas de nossa história. Achei necessário esse registro para que não se perdesse. Sempre me pergunto, se existe uma diversidade de etnias habitando esse país continental, cada um tem sua história. Por que não escrever a nossa? Vejo pessoas, viajam ao país de origem de seus ancestrais, visitarem parentes, numa busca pela conexão com suas raízes. Sei que ainda não posso fazer isso, sonho que lá na frente meus descendentes terão essa possibilidade se for do seu desejo. Diria que *Páginas Rasgadas* é uma continuação de *Mulheres Sagradas*, reunindo histórias de hoje, de ontem, de mulheres que vivem sem conhecimentos de seus direitos, ainda há muita miséria, subserviência. As coisas vão mudando a passos lentos, dismantelar esse arcabouço exige o esforço de todo ser humano.

27) Em alguns contos se vê, muito presente, o debate contra racismo, intolerância religiosa e afeto de pessoas negras. Além disso, nas respostas anteriores você traz fortemente esse tema. Na sua percepção, quais os principais avanços e retrocessos nesse debate, sobretudo no âmbito da educação e da literatura?

O racismo continua presente com a mesma estrutura. A diferença é que está sendo dismantelado aos poucos por pessoas negras e não negras que se insurgem contra essa prática. A formação acadêmica crescente de negros está mudando o lugar em que o mesmo ocupa na sociedade. Longe de ser uma igualdade é um avanço. A visibilidade que escritoras/escritores negros tem alcançado, está estimulando escritores a tirarem seus textos da “gaveta”. Isso é potência.

28) De que forma a sua literatura a ajudou a ser uma mulher mais empoderada, mais realizada?

Gostei da repercussão dos livros junto ao público. Acho que arte é isso. Fazer do seu jeito. Sempre haverá uma forma diferente de dizer, de fazer.

29) E como você percebe a chegada da Universidade Federal do Recôncavo em Cachoeira, para os estudantes negros, principalmente para as mulheres?

Vi ex-alunos meus cursando a Universidade, esperavam por essa oportunidade que agarraram com avidez de conhecimento. Estão com mais esperança e lucidez no olhar.

30) Quando você escreve você pensa no público-alvo? Para quem você escreve?

Escrevo para a humanidade. Escrever é uma missão.

31) Há algum projeto novo em gestação?

Sim, demorei um tempo para iniciar esse livro. Estive com o olhar atento ao que as pessoas diziam e, me perdi de mim mesma. Ouvi de alguns orixás o conselho de voltar à minha essência. Voltei e estou escrevendo desimportada de agradar as pessoas. Escrevo o que guardei dentro de mim por um tempo.

32) Aidil, qual conselho você daria às futuras escritoras mulheres brasileiras?

Escreva, escreva, mesmo que não tenha vontade. Escrevo todo dia. Deixe que o texto descanse. Um conselho que recebi depois de ter publicado meu livro. Uma coisa é escrever por escrever. Publicar exige um texto mais apurado, com ritmo. Estou aprendendo isso. Acredite.

Conhecer para adentrar

Tendo a autoestima como pilar essencial para evidenciar o poder intrínseco ao indivíduo, a água é a ponte que liga o corpo à essência vital da natureza. Osun, nesse sentido, movimenta a cura através das águas presentes na intimidade de cada ser, fazendo deste um instrumento que põe em transparência às suas subjetividades através de um espelho: abebé.

Há coisas na vida da gente que acontecem por um desvio instintivo do destino que acrescenta uma vírgula à juventude inquieta e acaba por desembarcar num mar infinito de possibilidades. Por outro lado, há também a virtude de acontecimentos felizes que fará de nossos corpos mínimos instrumentos convictos de que tudo não passa de mera coincidência. (...) Pegue todas essas convicções e deite sob uma bacia branca. Verá que ali há mais coisas do que aparenta sua embaçada visão, jogue seu coração gelado em um poço e ele alimentará sedes que nem pensara. Quantos caminhos seus problemas percorrerão se jogado num rio? Certamente reconheceria as pedras e desviaria os percalços, se fossem os mesmos. Entretanto, uma vez suja, diluída, líquida, sólida, a água nunca retorna idêntica. Ela cresce, vira mar. Não há acasos para as águas.

Num outro contexto, no mantra “Nam myo ho ren gue kyo”, culturalmente difundido através de Nitiren Daishonin, no budismo, consiste na ideia de limpar o “espelho íntimo” para poder, através dele, enxergar as imperfeições que carrega-se, trabalhando seu senso de autoimagem. Essas duas categorias filosóficas remetem a pensar um processo de autoconhecimento que decorre na mudança interior para com a exterior, construindo uma identidade mais plausível à sua própria convicção de realidade. Diferente do que congelam os conceitos de beleza pautados na estética embranquecida, amor-próprio é conhecer-se.

O encontro.

E toda vez que me debruço novamente sob a experiência de pousar meus pés no escorregadio massapê de Santo Amaro, retorno às memórias que fizeram de mim mais homem e mais amado. Mais feliz, em paz e plantado, semente encantada de baobá.



Banquete - Foto: Ton Fraga – direção de fotografia: Beatriz Tolú

No encontro com Aidil, muitas das flatulências cotidianas foram extintas no momento em que compartilhamos os nossos mundos-palavras-afetos. Água doce e mar, Ogum e Oxóssi, Recôncavo, Salvador. De Cachoeira, cidade com referência histórica situada no Recôncavo da Bahia, Aidil Araújo Lima cursou Filosofia e Jornalismo. Atuou como professora e, no momento, reside em Belém, área rural do município, com o intuito de se dedicar inteiramente à literatura. A escritora, impulsiona com frequência os universos alusivos da crônica e do conto. Ela me conta, num diálogo intervalado entre os cigarros e os goles de café, quais as fontes que bebe para escrever. Aidil escreve como quem também come pelas beiradas das histórias comuns de mulheres que conheceu em seu caminho. Um pedacinho ali, outro aqui, e o banquete do final da tarde está completo: um novo livro, uma nova história no mundo, do mundo.

Não é preciso ser somente fonte, é preciso se dispor a mergulhos.

Afluentes de leitura II

Dos conselhos de Aidil: contemplar para abrandar

Sarah Roberta de Oliveira Carneiro

Não há roteiro de luta. Não há uma sequência que oriente a caminhada. Uma cartilha política não está disponibilizada para Nina, Silvia, Débora, Maria e todas as outras personagens esculpidas pelas letras de Aidil Araújo Lima. Nenhuma das mulheres que habitam sua criação literária recebe de uma feminista um guia no qual está escrito: “vá para a rua e reivindique seus direitos, depois ocupe um posto de comando e alcance as respostas para as suas inquietações”.

Nas tramas de Aidil, as saídas para a condição de subalternidade têm outras nuances, vêm de outros lugares, inclusive de dentro de cada mulher, na medida em que a memória pessoal, muitas vezes, é portal fecundo para acessar os recados ancestrais que ofertam força, fé e coragem. “Lembra-se do dia que a mãe contente, única vez vista, lhe entregou a pedra e disse: ‘é sua, minha filha, Iansã, orixá guerreira, vai te ajudar a ter vida decente’. Um raio cortou o céu ao meio, foi clarão tão forte”. (LIMA, 2017, p. 106).

Se as personagens de Aidil elegem a memória como linha direta com o frescor que aciona salvagens e promove refeituas, a natureza a elas se revela como fonte dotada de inesgotável poder restaurador, atuando como mãos terapêuticas que ninam os corpos sofridos, apaziguam os corações desolados e suavizam o pranto que a alma aloja ao se ver “largada no canto” (LIMA, 2017, p.106).

Descobri um jeito de me livrar do peso da vida. Andar às margens do rio Paraguaçu é o que faço agora. Sem protesto anunciado, a água muda a direção costumeira, anda ao contrário por debaixo da ponte. (LIMA, 2020, p. 75)

As zonas de escape avistadas pelas mulheres tecidas nos contos de Aidil são quase todas telúricas, xamânicas: “hoje a terra vai aliviando de mim o frio da noite” (LIMA, 2017, p. 82) e o mapa que as revelam encontra-se encravado na natureza à espera do chamado perfeito, e que é aquele que, em se tratando das personagens de Aidil, é repleto do que também são as Terezas procuradas por Deisiane Barbosa (2021), as quais o pesquisador Rubens da Cunha (2022, p. 49) traduziu muito bem como detentoras de um “misto de força, alegria e lamento”.

Se as Terezas de Deisiane lerem *Mulheres Sagradas e Páginas Rasgadas*, as duas publicações de Aidil, vão ver que o poder de mudança

está por toda parte. O ciclo epifania-transmutação-saída rege a experiência humana. Por isso, o “vestido que a avó fez quando era menina (LIMA, 2017, p. 46), “uma pedra redonda vermelha” (LIMA, 2017, p. 105) e “os cacos de uma caneca” (LIMA, 2017, p. 100) podem promover alegrias momentâneas que estimulam curas e abrandam verdadeiramente a lida.

Vestidos, pedras, canecas; o sabor do café, a folha da jaqueira; o pandeiro, o sal grosso, a pólvora; o ramo de arruda, o aroma do patchouli, a fumaça do cachimbo; o fogo, os livros, o cheiro do eucalipto, o pedaço de espelho, a chuva, a fragrância da mirra e da alfazema; a costura, o encontro com os orixás e o mergulho no rio são pontos de partida para inauguração de outras vivências sob a pele de quem chora a perda de um amor ou de quem se vê explorada no trabalho sem chance de receber salários justos.

Há muito de endógeno e de subjetivo no jeito das personagens de Aidil ultrapassarem os limites que as cerceiam. As competências líricas de cada mulher dão conta de desmontarem a tristeza que adoce o espírito e nocauteiam os assédios da depressão. Afinal, sem a ditadura boba da euforia desmedida, o lema é renascer honestamente a partir de um aceno positivo que emerge no percurso.

Por isso, as epifanias são abundantes nas páginas assinadas por Aidil. Em sua obra, quem sofre não nega o sofrimento, não o disfarça lendo mecanicamente versículos bíblicos que apontam para um conformismo, não o nega recorrendo a práticas de consumo ou ao entorpecimento causado pelo álcool. Em seus escritos, quem sofre se agarra, dignamente, aos fiapos mágicos da vida e se entrega ao poder dos pequenos milagres.

Ela foi à cidade, comprou agasalho para os filhos e fez um agrado para si. Adquiriu um vestido bem bonito. Chegou à casa satisfeita, puxou água do poço, tomou banho, pôs o vestido novo. Passou nos lábios o batom, tanto tempo em desuso, guardado na caixa cheia de recordações, experimentando a sensação de beijo adolescente na boca. Sentiu-se menina travessa, enamorada, coração palpitante, suor nas mãos. Empolgada com seu novo jeito, saiu para uma caminhada, no trajeto encontrou uma mulher semeando a terra, cantando com voz de quem está de bem com a vida, se desimportando do líquido brotando na testa, correndo no rosto prestes a ser engolido. (LIMA, 2020, pp. 50-51)

Aidil nos ensina a sermos existencialmente autorais e, de mãos dadas com a autopoiese, nos convertermos em seres que sabem se renovar, tendo direito a preciosas reaberturas de caminhos e a merecidos recomeços, de modo que um movimento do porte do descrito acima é suficiente para reanimar uma mulher que se vê com sua chama interior apagada. Portanto, se não há roteiro de luta feminista ou marxista a ser cumprido, sobram rotas de fuga. E estas são muitas, são incontáveis e até insólitas.

Neste sentido, o que ressoa na produção escrita de Aidil tem a ver com outro tempo, “o tempo da delicadeza”, do qual nos fala Chico Buarque (1987), ainda que na produção de Aidil não se verifiquem existências a que possamos chamar de tranquilas, visto que o aqui e agora de cada mulher tem um “gosto amargo” (LIMA, 2020, p. 54), visto que o aqui e agora de cada mulher é denso, desafiador e cortante, independentemente de ser ela solteira, casada, abandonada, amante, jovem, menina ou madura.

Lendo os contos de Aidil, nos quais as palavras “bacia” e “útero” por mais de uma vez aparecem em companhia uma da outra, a associação com um tempo que difere do tempo das máquinas se faz evocável porque fica evidente que suas personagens são detentoras de um olhar singular, pois somente um olhar desapressado consegue perceber os acenos de vida que vemos listados em *Mulheres Sagradas* e em *Páginas Rasgadas*.

E este olhar parece ter ligação direta com a própria constituição de Aidil como mulher, na medida em que é nascida em Cachoeira, cidade de menos de 35 mil habitantes, o que a deixa à vontade para literariamente descrever a urbanidade de uma grande cidade da seguinte forma:

À noite, a família esperava Linda e, boquiaberta, com fome de vida, escutava os relatos de vida urbana. O barulhar de buzinas de carro dos motoristas sem paciência, da doença de comprar coisa sem utilidade exigindo ganhar mais dinheiro e assim satisfazer os desejos inúteis, dos estridentes autofalantes, dos restaurantes apinhados. (LIMA, 2020, p. 59)

Eis um dos tantos pontos que me irmanam à Aidil, pois, hoje, moro longe dos grandes centros e, movida pela intimidade comigo mesma que o viver em uma pequena cidade nos concede, certo dia, escrevi: “esta cidade me deixa mais perto de mim. Esta cidade me devolve as imagens de minha infância. Esta cidade amplia o ver”. (CARNEIRO; FOGAÇA, 2018, p. 18).

Aidil está atenta à oposição entre as cidades agitadas, onde a pressa é a lógica que habilita as feituças, e o universo da roça, cuja temporalidade propicia a emergência de uma certa serenidade: “hoje, Maria mora no campo, gosta de sentir a terra, descalça vai à fonte, descalça faz a comida, descalça faz amor”. (LIMA, 2020 p. 101).

Tal percepção faz-nos querer conversar com as reflexões sociológicas que, voltadas aos estudos acerca da velocidade, estão interessadas em observar as consequências de uma vida por demais acelerada, como faz o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017, p. 54), ao verificar na sociedade ativa moderna o “empuxo da aceleração geral e da hiperatividade”. Sem dúvidas, os olhos que transitam nesta intensa urbanidade da qual fala Han não estão treinados para enxergarem as belezas curativas que as personagens de Aidil conseguem reconhecer com tamanha desenvoltura.

É como se elas, ao serem íntimas de árvores e de bacias, ao receberem o colo da floresta e frequentarem capelas, ao rezarem, cantarem e dançarem para Oxum, Iemanjá e Iansã e ao namorarem “as estrelas em total arrebatamento” (LIMA, 2020, p. 21-22), se mostrassem inteiradas da cartilha da contemplação e soubessem ainda praticar o repouso essencial à alma e que boa parte dos humanos do século XXI desaprendeu. E tudo isso faz lembrar a reflexão de Byung-Chul Han, que rememorando apontamentos de Nietzsche, diz:

A vita contemplativa pressupõe uma pedagogia específica do ver. No *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche formula três tarefas, em vista das quais a gente precisa de educadores. Devemos aprender a ler, devemos aprender a *pensar*, devemos aprender a *falar* e a *escrever*. A meta desse aprendizado seria, segundo Nietzsche, a ‘cultura distinta’. Aprender a ver significa ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si, isto é capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento. Esse aprender-a-ver seria a “primeira pré-escolarização para o caráter do espírito (*Geistigkeit*)”. (HAN, 2017, p. 51)

O comportamento das personagens de Aidil faz-nos lembrar também da partilha do sensível disseminada por Jacques Rancière (2009). Afinal, a convivência entre as mulheres que transitam no fazer literário de Aidil guarda a dimensão do comum e se emoldura na direção da solidez dos laços afetivos que ligam avó e neta, mãe e filha, madrinha e afilhada, vizinhas de rua etc.

E há uma beleza no contato de todas elas com o mundo que as cerca, mesmo havendo dores de muitas ordens: a menina que vai morar na capital e vira a escrava da casa da madame, as mulheres traídas e enganadas que passam toda uma vida à espera do marido que foi trabalhar longe dizendo que voltaria, mas o retorno jamais se concretizou e tem as filhas cujas mães morreram cedo, deixando-as sem aprenderem tudo que elas tinham a ensinar.

Falando em morte de mães de quem as filhas sentem saudade, vale aqui um comentário no que diz respeito à linguagem da escritora: em seus livros as pessoas não morrem, elas somem como vento, elas partem “para o outro mundo” (LIMA, 2020, p. 33), como aconteceu com a última moradora da casa amarela da Rua da Feira, na qual Dalva e outras mulheres se reuniram para escutar gemidos, mesmo o imóvel estando desabitado.

Demonstrado está que o reencantamento do mundo é um estado ao qual chegamos ao conhecermos as personagens de Aidil, as quais são especializadas em conexão com o que a vida tem de genuíno. Por isso, a aliança entre mulher e casa está dotada de poesia. A vida doméstica tem

sabor, as tarefas de todo dia são antecipadamente apazíveis, “corre para as panelas, num prazer de invejar pessoa sem ânimo” (LIMA, 2017, p. 74). A feminilidade, que pode ser acrescida à própria vida, reinventa o terreno da beleza.

As mulheres de Aidil ecoam em nosso íntimo com um intenso nível de presença e permanência. Mas é preciso concluir este texto e me ocorre de afirmar que as mulheres de Aidil não têm nada de kafkianas. Elas não desistem do que buscam. Dotadas de um senso de insistência, confiam no adiamento, tal qual faz Fernando Pessoa (2007, p. 172). E se Pessoa diz: “depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser”, Ana, no conto *Raios de letras*, que “acreditava que o belo transforma as pessoas” (LIMA, 2020, p.11) “adiava o instinto de ser gente” (LIMA, 2020, p.9) e foi.

Sim, o trocadilho não seria ruim: os conselhos de Aidil são páginas sagradas para mulheres rasgadas.



Foto: Tom Fraga

Afluente de leitura III

As mulheres sagradas de Aidil Araújo Lima: o avesso da pele

Aline Souza Mota Nogueira

“Não há dor que suporte. A sina: ser forte.”

Aidil Araújo Lima

Em vinte de novembro de 2019, tive a oportunidade de conhecer Aidil: foi quando ela autografou o meu exemplar de *Mulheres Sagradas*. Isso ocorreu dois anos após o lançamento dessas *Mulheres*. Esse é o livro de estreia da autora, moradora da cidade de Cachoeira, no Recôncavo da Bahia. Em um evento realizado na Biblioteca Municipal Ernesto Simões, em sua terra natal, em 28 de abril de 2022, tive um segundo encontro com Aidil. Ela falou que o livro surgiu a partir das observações de menina, dos questionamentos que costumava fazer sobre a vida, porém não tinha vez e voz para expor seus pensamentos. Contudo, ela não os guardou para si, mas os preservou em cadernos em que anotava a vida. Para não calar a boca de menina, ela conversava com o rio, lia e escrevia muito, mas não dizia a ninguém para não ser tida como louca, que era o fim de muitas mulheres, resultado da dor e da violência sofridas.

Na orelha do seu primeiro livro, há a informação de que “após andanças pela vida, retorna à terra da infância, dedicando-se a escrever, alinhavando o tempo, costurando palavras.”. Aidil começou a se dedicar à escrita literária, para publicação, após a aposentadoria, o que nos traz uma narrativa madura e repleta de memórias afetivas dessas andanças. Com isso, percebemos algo intrínseco à sua escrita, que podemos chamar de escrevivência. O termo foi cunhado pela também escritora de literatura negra, Conceição Evaristo. Para Conceição (2009, p18) o texto não nasce espontaneamente, mas advém de uma autoria, de uma subjetividade própria que constrói a escrita, pois o texto “tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto.”

Aidil, em suas duas obras publicadas, *Mulheres Sagradas* (2017) e *Páginas Rasgadas* (2020), nos apresenta personagens femininas marcantes: mulheres que sofreram o abandono, que lutaram para sobreviver e criar seus filhos, que foram enganadas e que buscaram força para prosseguir, como podemos ver nesses exemplos “Minha mãe era uma mulher dura, de força moral, de respeito. Ela não falava de meu pai, esse a deixou bem cedo, ainda éramos bem pequenas. Vivíamos as três na casa, eu, minha irmã e minha mãe.” (LIMA, 2017, p. 35). “Com passos indecisos, Aurinha caminha pela rua de sua infância. (...) Nessa visita ao passado vê

uma mulher, lembra-se dela, seus dias se debruçavam na janela, olhos vermelhos afogados na solidão, desde que o marido saiu sem volta.” (LIMA, 2020, p. 12). Diante disso, este ensaio se dedicará a uma leitura das mulheres sagradas em sua unicidade e em sua insistência de ser feliz em meio a lutas.

Mulheres Sagradas: o feminino rasgado pela frente e pelo avesso

*“E quando eu canto cor
E quando eu grito cor
E quando eu espalho cor
Eu conto a minha história.”
Ana Caetano/Vitória Falcão*

Começamos a conhecer a potência feminina e as mulheres que referenciam a vida e a escrita de Aidil já na dedicatória do seu livro *Mulheres Sagradas*, quando ela o oferece em primeiro lugar às tias Nilza, Luzia e Noêmia. A epígrafe é da consagrada escritora negra Paulina Chiziane: “A vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu, mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo, mas volta à superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça onde a alma constrói a sua morada...”. É com esse sentimento que Rita Santana (2017, p. 09), no prefácio de *Mulheres Sagradas*, trata Aidil como um oráculo. Ela diz ainda que, de alguma forma, somos iniciadas, através da escrita de Aidil, em mistérios, em milagres, na sacralidade cotidiana das mulheres negras e pobres do Recôncavo. Rita diz que, ao publicar *Mulheres Sagradas*, Aidil encerra um ato de resistência, confronto e desafio a uma sociedade brasileira extremamente racista e canônica, que comumente desconsidera a literatura feita por grupos sociais que foram excluídos dos bens culturais brasileiros, durante e após a nossa história de escravidão. A autora Andréa Silva (2022, p. 107), nos ensina que pensar o feminino a partir da vivência das mulheres negras e dos espaços que elas ocupam é, em sua essência, pensar o modo de vida na coletividade. Ela nos diz ainda que “esse espírito sagrado, valente, é nossa herança mais preciosa, nos confere a coragem de recusar a vitimização, pois ainda que escravizadas, o nosso espírito jamais se curva diante da tirania do opressor.” (SILVA, 2022, p. 111). Isso ocorre a partir de uma ótica libertária, na qual os afetos foram construídos e ressignificados no modo de ser avesso à lógica da dominação. É a partir desse avesso que Aidil nos apresenta suas mulheres sagradas.

Aidil abre o livro com o texto “A reza”. Nele percebemos uma mulher forte, de grande fé, que enfrenta o marido e se sobressai diante da sua ameaça com voz de trovão. É um texto curto, mas com uma carga de significado imensa. E, assim, no passar das páginas, somos apresentadas a

mães, madrinhas, vizinhas, irmãs que sobrepujaram os desafios intensos da vida no interior do Estado da Bahia. Suas mulheres sagradas são todas rio, com aquele eterno ir e voltar, subir e descer, mas que nunca esquecem do seu corpo-morada, como vemos em seu conto “Encanto da fonte”: “Nina e a fonte criaram intimidades. Elas se entendiam por pequenos gestos, o pisar de uma, a serenidade da outra. (...) Esquecidas do mundo lá fora, abandonavam-se sem recusas, o corpo nu, a água e o céu vazio em deleite” (LIMA, 2020, p. 19).

Aidil também apresenta mulheres que perderam a força:

como Chibata, mulher descendente de rainha africana, na comunidade era chamada Nanã, respeitada como mãe por todos. Um dia de muita chuva, atravessou a lama, cruzou a fronteira, virou mendiga, percorria o Mercado Municipal como se estivesse em um palácio, andar importante, manto feito de trapos...talvez ela encontre o caminho de casa. (LIMA, 2017. p.33)

O trecho acima foi destacado do conto “Essa joia que nasce na palha com contas azuis”, no qual a autora narra o avesso da sua cidade: a outra existente dentro daquela de “casas feitas no capricho, com varandas, famílias assentadas à porta” (LIMA, 2017, p. 32). A cidade esbarrada no preconceito, que deu lugar ao “arrastar da vontade” conduzindo algumas mulheres ao declínio emocional e social extremo.

Há, também, em suas narrativas uma profunda relação entre mães e filhas, o constante abandono dos maridos e pais, o encontro com o sagrado ancestral que proporciona uma mudança de vida. Além disso, permeiam as narrativas por um lado, a violência doméstica, o racismo cotidiano e institucionalizado, por outro, a resiliência, a força e a fé na vida, no trabalho e nos orixás. (MARTINS; CUNHA, 2020). Vemos nessas narrativas muitas mulheres de grande fé e referência ancestral, que encontraram no sagrado uma forma de (re) existir.

Aidil revela as mulheres negras em sua sagrada experiência de serem elas mesmas, com a capacidade de resistir e lutar. Andréa Silva (2022, p. 108). diz que “esse sagrado é a coragem de não permitir que algo fora de nós mesmas diga quem somos, isso é algo que nos pertence.” Acompanhamos a autora rasgar o véu e apresentar mulheres guerreiras e valentes, mostrando seu lado de fora e também o lado de dentro, o que chamo aqui de avesso. Mulheres que ressignificaram sua existência para sobreviver e resistir àqueles que não encontravam nelas, por serem mulheres negras, pobres, as suas esposas e companheiras, mas as desejavam para o sexo e posterior abandono. Mulheres que, como nos ensina Lélia Gonzalez, assumiram por muito tempo e ainda assumem a postura de viga mestra em sua casa, visto que, desde a época da abolição, foram responsáveis pelo sustento moral e subsistente das famílias.

Mulheres que foram forçadas, na maioria das vezes pela necessidade, a serem fortes e ensinavam as suas filhas desde muito pequenas a também serem fortes e resistirem, como vemos no trecho do conto “Retalhos”:

A mãe de Ana alinhavou sua vida assim que ela nasceu. Ana vivia para a costura, livre dos ardores da alma, da impureza dos pensamentos. Iria costurar sua tristeza com as próprias mãos, sem provar os sabores e dissabores da vida. (LIMA, 2017, p. 43).

Ana queria ser livre correr, brincar, cresceu ouvindo e vendo Dona Margarida, a vizinha alegre e querendo ser feliz como ela, mas a mãe queria poupá-la das tristezas que a “liberdade” poderia trazer. Um futuro incerto para uma menina negra do interior. Ela não queria que a filha passasse pelo que ela e outras mulheres passavam. Mas “Dona Margarida abria uma fresta na sua melancolia” (LIMA, 2017, p. 44), pois Ana morria lentamente por não conseguir fazer o que queria. De todo modo, a resistência da mãe em cuidar que ela vivesse uma vida regrada e aprendendo o ofício da costura permitiu a Ana a tão esperada liberdade e felicidade ao encontrar prazer e alegria em costurar a vida e os sonhos através das roupas dos orixás e ornamentações para o terreiro, depois de crescida.

Já no conto “Vida pelo avesso” acolhemos a dor de dona Santinha, que acomoda o corpo no cochilo e adormece nas lembranças do marido morto. É assim que Aidil nos apresenta Santinha e as suas lembranças definidas pela violência institucional. Viúva, em virtude de ações preconceituosas institucionalizadas, por alguns agentes da força de Segurança Pública. Pessoas que, como bem retratou Aidil (2017, p.121), são tratadas como “indivíduo sem importância, desvalorizado na pessoa, era ninguém.” No conto, o racismo institucional fica evidente e nos remete aos dias atuais em que as pessoas pretas e menos favorecidas financeiramente são tratadas por aqueles que se consideram melhores e veem seus preconceitos apenas como mal-entendidos, como brincadeira, como motivo de riso. Riso para quem? Porque para as Santinhas, viúvas, só há choro e lamentação.

Explicaram o que não tinha explicação, prender um homem inocente, sem flagrante, nem prova que fosse. José chegou igual aos dias de cachaça, escorregava para um lado que nem quiabo, nesse dia ele trocou o sentido, seu corpo decaía para o lado esquerdo, não tinha cheiro de bebida forte. Ficou assim calado arrastando a vida, (...) ensaiou palavra de desculpa ou despedida, não teve tempo a alma saiu do corpo, ereta, desentortada, seguiu pela rota de costume. (LIMA, 2017, p. 123)



Foto: Ton Fraga

Ao ler e reler esse conto cai em um choro de soluço e voz embargada. O texto escrito há muitos anos, porém revelado para o mundo em 2017, nos mostra um retrato atual do sofrimento de pretos e pretas. A leitura das obras de Aidil nos permite uma imersão nas dores e lutas das inúmeras mulheres que nos antecederam e nos forjaram amálgamas. Somos povoadas por essas mulheres de Aidil e o pranto se torna sutil em meio à barreira de defesa e de sobrevivência que cada uma delas arma em volta do querer ser. E os queres juntam cada uma delas em nós. Somos uma, mas não somos só, já disse Sued Nunes em sua canção. Arrastamos pelo caminho o desejo de ser elo.

Aidil nos provoca, com suas personagens, o reconhecimento de nossas mães, avós, tias, vizinhas e assim o despertar em cada leitura/leitora do amor amarelo de ser mulher no recôncavo. As casas e as mulheres retratadas por Aidil cheiram a arruda fresca e alfazema. Um galho de arruda deve sempre ir preso ao corpo, seja atrás da orelha ou no peito, lugar sagrado. E assim espantar toda angústia do peito carente de afeto e seguir firme, com fé de que tudo irá bem, é o que nos ensinam nossas mães. E é, justamente, o fato de nos reconhecermos nas mulheres de Aidil que torna a leitura de suas obras uma experiência única, formando uma anatomia perfeita de um corpo mulher sagrado.

Afluentes de leitura IV as múltiplas temáticas de *Mulheres Sagradas*

Ailton Queiroz Fraga Junior

Mulheres sagradas é um livro de contos que demonstra a vida tocante de mulheres negras, de candomblé, com suas histórias de força, garra e coragem, mas nem sempre essas histórias vêm com sorrisos no rosto. Às vezes, aparecem com uma lágrima, uma tristeza, uma melancolia. Em sua entrevista, publicada acima, Aidil nos conta um pouco sobre como é construído o processo de escrita dos seus livros. Ela nos mostra que a sua vivência com a escrita vem de pensamentos, de seus sonhos no meio da noite e recordados no outro dia, das grandes potências de mulheres nas ruas que a inspiram. A autora nos conta que escreve o que sente: “são as minhas sensações, sem intenção de tocar o outro.” A partir dessa fala, é possível perceber que o livro nos passa diversas sensações, entre elas a



tristeza da perda de uma mãe, como no começo do conto “Vinte e Sete de Setembro, a oferta e o rio”:

Faz tempo que o sono me foge à noite. Uma gargalhada me invade pela metade, é quando minha alma escapole e sai desbandeirada pelo rio. Pula na água, anoitecida pela lua, volta toda molhada. Cansada se ajeita em meu corpo. Adormeço... Embalada pelo cheiro do perfume de minha mãe, acho até que não a deixo caminhar tranquila e atravessar a ponte que separa os vivos dos mortos. (LIMA, 2017, p. 27)

Deparamo-nos, em muitos destes contos, com pessoas próximas, mulheres da nossa família que já se foram, que perderam maridos e sentem a falta de saúde do corpo físico, a falta da fé que, muitas vezes, é retomada a partir de elementos básicos como uma conta de orixá, uma rosa, até mesmo a água do Rio Paraguaçu. Noutros contos, a narrativa de mãe solo está presente. São mulheres que enviuvaram ou perderam seus maridos para outras mulheres. No conto “Insabas”, a narradora inicia contando a história de sua mãe.

Minha casa é cercada por insabas - assim minha mãe chamava as folhas. Na verdade ela era possuidora de pequenos saberes. Reverenciava árvores, as tinha como sagradas, nunca arrancou uma folha sem pedir permissão. Contava que o pai se foi sem destino, no dia que ela pegou uma folha de oxalá depois que o sol se longeara. Meu pai sentira uma dor na barriga, num repente, sem razão que explicasse. A mente de minha mãe se desbaratinou inteira. (LIMA, 2017, p. 115)

Depois ocorre o falecimento da mãe, deixando apenas a filha, não sozinha, mas com seus ensinamentos e ancestralidades das insabas:

Um dia ela acordou diferente, uma feição de quem está contente. Perguntei-lhe o que houve. Ela me disse que tinha tido um sonho, as insabas estavam reunidas e lhe chamaram, ela foi, só no espírito, o corpo ficou na cama, elas lhe disseram que tomasse um banho com a folha de alfazema que iria saciar sua saudade. (LIMA, 2017, p. 116)

É perceptível como a questão da relação de mãe e filha vem sendo discutida dentro dos contos, principalmente sobre a ancestralidade das figuras maternas dentro do ambiente familiar. Quantas famílias deixam de lembrar quem foram as matriarcas que deram luz as mulheres e homens da família? Quantas delas, chegando na velhice, consequentemente pode ser levada a ficar em asilos ou lares onde pessoas específicas cuidam? São diversos questionamentos que surgem, mas Aidil nos mostra que essa relação de mãe e filha com as forças femininas da sua família é algo a ser preservado, quase que um patrimônio.

Em outro momento, me pego em uma história um pouco parecida com as de muitos jovens que precisam deixar sua cidade para ter uma vida melhor, seja em estudos ou trabalho. No conto “Pedra vermelha”, a personagem precisa deixar a casa da mãe para ir morar com parentes e ter uma vida melhor a partir dos estudos, mas o que o texto nos remete é a uma saudade constante daquilo que ela vivia, todos os dias, no seu antigo lar. “Chegou à casa dos parentes de condição, lhe deram roupas de seda e livro cheios de promessa. Sentia falta da mãe, do abraço forte com cheiro de suor com sabão de massa. Adiava as lágrimas pra que ninguém visse, ia ser ingratidão.” (LIMA, 2017, p. 106). A melancolia da falta do abraço de uma mãe, a falta dos seus sermões, nos fazem refletir como é doloroso essa partida para outra cidade, em busca de sonhos, mas independente disso, ela se torna forte e não abandona suas raízes, se torna filha de Iansã e vence na vida: “Ela virou uma linda mulher, Iansã a levou para um lugar sagrado e cuidou por um mês passando seu Axé. Ela saiu outra mulher, Confiante, independente e bela.” (LIMA, 2017, p. 106)

De conto em conto, nos debruçamos nas palavras de Aidil, vamos percebendo o quão importante são as falas de mulheres antigas, das suas histórias e vivências. No decorrer dos contos, pegamo-nos na inquietação do quão o racismo era velado antigamente, mas debatido de uma certa forma. A relação de negros com negros não se era constante, uma vez que os homens preferiam se relacionar com mulheres brancas, mesmo que fossem feias. No conto “Taboca”, percebemos como a relação dos corpos pretos foi muito desconstruída no passar dos tempos. Aidil nos traz uma grande reflexão do abandono e solidão da mulher preta dentro de relações amorosas, como nesse pequeno trecho:

- Antigamente, minha filha, os homens negros ainda queriam a nós, mulheres negras, hoje em dia muita coisa mudou, elas se tornaram piores, os negros de tanto ser humilhado começaram a querer ter mulher branca, para se sentirem gente que nem eles, os filhos saem mais claros e nunca são afrontados. (LIMA, 2017, p. 58)

Segundo Nilma Lino Gomes (2005, p. 46) “negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.”. Relacionando isso com os dias atuais, ainda é visto o debate do afeto entre corpos pretos, o quão o racismo faz com que essas pessoas procurem o afeto em pessoas brancas e não pretas. Ainda de acordo com Nilma Lino Gomes (2005) pessoas negras são “sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas.”

Ainda não vi negro ficar do lado de negro, disse dona Firmina, aborrecida com sua gente, de cor negra como ela. (...) Desconformada via a vida se arrastar sem nenhuma mudança, eles não tinham coragem, não queriam a liberdade inteira, a igualdade. (...) Lembra-se de quando foi jovem, era muito bonita, namorou muito, teve muitos filhos, frutos das promessas de amor, eles lhe diziam que era bobagem esta coisa de cor, de ser de família de pobre. Acreditava. E agora restava a amargura. (...) Eles me enganaram – todos me prometeram mundos e fundos. Eu que deixei de ser gente. – Eles não” (LIMA, 2017, p. 65. 66).

Os trechos acima advêm de “Portal Mágico”, uma das narrativas mais pessimistas de *Mulheres Sagradas*. Aidil nos remete à construção familiar e amorosa dentro do povo negro, mas nem sempre como algo reluzente e com muita beleza. É perceptível como nossa cultura, principalmente dentro do âmbito familiar, nos faz refletir sobre quantos lares, infelizmente, não tem uma figura paterna, nos levando para o conceito de mãe-pai, seja pelo abandono do amor de um homem, que por muitas vezes, vê o corpo da mulher negra como um objeto que pode ser descartado. Esse é um tema recorrente nos contos de Aidil.

Seguindo adiante, alguns contos nos demonstram mistérios não desvendados, que nos fazem refletir sobre racismo que ainda continua presente com a mesma estrutura que a de antigamente. No texto “Vida Pelo Avesso”, Aidil nos traz uma reflexão bastante pertinente do que vem acontecendo, atualmente, com pessoas pretas dentro de seus ambientes de trabalho. A história nos remete ao imaginário de uma pessoa inocente, um rapaz que é acusado de roubo dos grandes patrões brancos. A história de José, o homem que foi injustiçado durante sua vida, é um reflexo do que acontece na nossa sociedade brasileira. No conto, é possível ver que a relação dele com a sua esposa, Santinha, não é a única que ele tem, tendo outras relações com mulheres da rua, “raparigas”. José é injustiçado nesse conto principalmente pelo golpe que sofre do seu compadre e, futuramente, acusado de roubo das joias dos parentes de seu patrão.

Tardou um pouco para resposta, só mesmo quando terminou a festa, eles estavam de regresso para a cidade grande, ao deitarem as malas no carro avistaram a maleta das joias. Foi o milagre da Santa, eles foram à delegacia e explicaram o que não tinha explicação, prender um homem inocente, sem flagrante, nem prova que fosse. (LIMA, 2017, p. 123)

O coitado sofre tanta violência física que, no final, não sobra nem seu espírito para ser inocentado: as joias nunca foram roubadas, foram vistas dentro da mala no dia em que estão de partida.

Um dia, olhou enviesado, ensaiou palavra de desculpa ou despedida, não teve tempo, a alma saiu do corpo, ereta, desentortada, seguiu pela rota de costume. O sol desce, afogando de luz suas pálpebras, despertando o sono. Joga para longe as lembranças, enquanto ouve o passo sereno de Pedro, seu companheiro. O compasso do caminho era de resistência, à espera de afeto sem sobressalto. (LIMA, 2017, p. 123)

Isso se manifesta cotidianamente no atual cenário brasileiro. Em 2022, vimos o caso de Moise Kabagambe² no Rio de Janeiro que, ao cobrar seu salário, foi espancado até a morte por milicianos. Quais vidas negras importam para a sociedade colonialista e patriarcal? Em muitos dos contos de Aidil, se vê um debate bastante pertinente referente a essas questões políticas, sempre de maneira poética.

Outro ponto que nos faz mergulhar nessa obra, é como Aidil escreve sobre o candomblé, religião de matriz africana: uma religião vista como algo encantador, ao contrário da distorção de muitas pessoas leigas e preconceituosas. Ela mostra em suas palavras a doçura do atabaque em uma festa, as contas de orixá que protegem as pessoas, a entidade protegendo alguém mesmo sem ser chamado, aclamado, como no trecho do conto “Contas Sagradas”:

Esse colar, minha filha, foi o que restou comigo da crença de seu pai. Esse azul representa seu orixá que te acompanha desde o seu nascimento. [...] Lembro-me de você dentro do meu corpo, protegida pelas águas, fui a um terreiro com ele, seu corpo balançou bem forte dentro de mim, quando Ogum, o orixá da justiça, apareceu, tocou em meu ventre e disse - essa é minha filha. (LIMA, 2017, p. 37)

Aidil consegue trazer para seus contos uma visão natural, mostrando para nós, leitores, o quão importante é a relação de pessoas negras, em sua maioria mulheres, dentro da religião. Ela nos leva ao passado sem nem pensar, fazendo as emoções eclodirem na pele, nos fazendo sorrir, chorar, sentir a perda de alguém mesmo sem ter partido.

Para Eduardo Oliveira (s/d, p. 3), “a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente.” É uma protagonista da “construção histórico-cultural do negro no Brasil”, além de gestar “um novo projeto sociopolítico” que se fundamenta na inclusão social, no respeito às

² Para maiores informações: SCHMIDT, Larissa. Morte de Moise: entenda a participação de cada um que aparece nas imagens do quiosque. **G1**. g1 Rio, TV Globo 09/02/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/09/morte-de-moise-entenda-a-participacao-de-cada-um-que-aparece-nas-imagens-do-quiisque.ghtml>. Acesso em 30 Jun. 2022.

diversidades e diferenças, na convivência harmoniosa entre humanos e meio-ambiente, no respeito aos mais velhos e à vida comunitária. No conto “Retalhos”, a ancestralidade reverbera nas personagens, principalmente em Ana, se encantando com as palavras de Dona Margarida descrevendo as festas que iria no terreiro.

Dona Margarida tinha uma cara de felicidade, então felicidade é liberdade, ela gostava de ser bonita, usar colares, brincos, pintas os lábios. Quando ia às festas do terreiro retornava dia seguinte. Ana palpitava por notícias daquele outro mundo. Quando ela chegava, ficava comedida, controlava o excesso, se achegava a um canto e ficava quieta, sua vida toda estava ali nas conversas, era um gozo silencioso. O olhar de Dona Margarida ficava igual às estrelas, gesticulava com o corpo, com as cores, descrevia as roupas dos orixás, o jeito de cada um, nesse ponto ela levantava e seu corpo crescia com o som dos atabaques. (LIMA, 2017, p. 44)

Nesses mesmos contos, percebemos que a demonstração familiar nem sempre vai ser feita como nosso imaginário cria: uma família carnal ou sanguínea, nem sempre feliz, com suas inquietações e confusões. Em alguns dos textos, a família não é demonstrada por pessoas de sangue, mas sim de candomblé, aquelas que você conhece dentro do terreiro que se fazem mais presentes na sua vida do que os próprios parentes que viram você nascer. Além desses, temos os parentes que são espirituais, aqueles que nos acodem, nos consolam e nos guardam quando a gente mais precisa. Nos escritos, a autora também demonstra a ancestralidade a partir dos orixás: alguns salvando pessoas da tristeza, outros acolhendo e trazendo alegria para dentro de casa. É assim que, de certa forma, Aidil nos traz uma família e uma literatura protetora.

A vó gritava de longe: sai daí, menina! Essas árvores são sagradas; não pode brincar com elas. A vó nem imaginava a ligação entre as duas, a árvore lhe segredou tantas coisas... o vento soprava, era Iemanjá com sua espada na mão, que cortava o ar e lhe transmitia antigos saberes. Voltou das lembranças, já escurecia, terminou a limpeza da casa, lavou o corpo e o descansou na rede. (LIMA, 2017, p. 77-78)

Quando o rio dessedenta os seus: projeto “Com leitura e com afeto”

Aline Mota
Rubens da Cunha



**COM LEITURA
E COM AFETO**

Encontro de leitura e
conversa para pessoas
a partir de 60 anos

Convidada da Semana
Aidil Lima

28/04 QUINTA
15:00 H

**Biblioteca Municipal da
Cachoeira-Ba**

@comleituraecom_afeto
contato: 21 971301590

apoio:

     

“Partimos do silenciamento para o protagonismo, do individualismo para a construção coletiva que traz uma resignificação que fundamenta nossa essência e existência.”
Andréa Silva

“A arte, a literatura levantam... dá alma.”
Joanita, 73 anos, leitora de Aidil

O livro *Mulheres Sagradas* foi lido na Biblioteca Municipal Ernesto Simões Filho, em Cachoeira/BA, por um grupo de mulheres, moradoras locais, vizinhas, amigas e conhecidas de Dona Aidil, com a faixa etária a partir dos 60 anos, no projeto “Com leitura e com afeto”, realizado pela Biblioteca Municipal Ernesto Simões, em período de pós isolamento, em decorrência da pandemia da COVID 19.

O projeto se desenvolve a partir da leitura individual e compartilhada de cada uma das mulheres participantes do grupo. De acordo com Camila Austregésilo, criadora e coordenadora do projeto, “dedicamos um espaço de escuta ativa a partir da leitura de livros produzidos no Recôncavo Baiano, pois acreditamos que as narrativas literárias da região despertam uma identificação com as participantes do grupo”. As mulheres conversam sobre suas leituras e dividem sentimentos e experiências. Ao final conversam com a autora ou autor do livro, pois, ainda segundo Camila, cria-se “um ambiente propício para troca de experiências, criação e fortalecimento de vínculos, entretenimento e produção criativa e artística. Acreditamos que através da leitura podemos despertar e preservar a memória dessa parcela tão importante da população”.

Durante o período de maior crise da pandemia, ainda sem vacina, foi aconselhado o isolamento total das pessoas nessa faixa etária. Ao participar do dia em que Aidil era a convidada, foi possível perceber a importância do acolhimento e escuta de cada uma mulher presente que teve contato com as *Mulheres Sagradas*.

Foi possível sentir em cada relato, dentro da roda com a autora, como ela conseguiu oferecer um lugar de fala para as vozes silenciadas das mulheres que antecederam cada uma daquelas que estavam dividindo suas leituras e impressões. Dona Aidil, através de suas conversas com o rio e seus questionamentos, observações, de criança e jovem conseguiu acessar a essência das mulheres que ela via pelas ruas de Cachoeira. Ela diz que suas mulheres sagradas são as loucas, execradas da sociedade, são aquelas que lutaram e lutam para criar seus filhos sozinhas, tendo apenas o tempo e o rio como confidentes.

Além disso, houve um aprofundado debate sobre racismo estrutural e “é preciso que as pessoas tomem consciência de que o racismo existe”, nos instiga Aidil, que também lembrou que essa é uma preocupação que a acompanha há muito tempo: “Eu... Entrei no colégio, no ginásio, ginásio na minha época... É, eu sempre me questioneei, porque que as famílias representadas, nos livros, nos livros didáticos, eram de pessoas brancas, as famílias eram brancas. Aí eu me perguntava: será que eu não existo? Será que eu estou onde, nesse lugar, nessa sociedade? Que tenta nos invisibilizar, que tenta nos apagar.”



Foto: Tom Fraga

Aidil faz um mergulho profundo na vida dessas mulheres e com isso permitiu uma empatia e atravessamento na vida de cada uma de suas leitoras. Rever suas mães e avós falecidas, bem como tias, amigas de infância em cada uma das páginas de *Mulheres Sagradas* foi o motivo para colher lágrimas. Uma cultura preta de acolhimento e de celebração à vida de todas as mulheres pretas, do Recôncavo é o que lemos nestas *Mulheres Sagradas*.



(foto: Tom Fraga)

Senti muita emoção no momento em que ela falou das mulheres negras, da criação, dos maridos que deixavam as mulheres, aquilo ali me tocou. A minha mãe é falecida, amanhã vai até 10 anos de minha mãe faleceu, eu senti aquela emoção que tocou dentro de mim, por isso que eu tô chorando. Emoção muito forte, muito bonita. Minha mãe criou os filhos, meus irmãos, são seis. Meu pai deixou a minha mãe com 6 filhos. Ela criou a gente sozinha, aí aquilo tocou dentro de mim, profundo. Aí eu fiquei... que as lágrimas caíram. Muita emoção. Muito lindo, eu agradeço a ela, a dona Aidil pela fala dela, muito bonita. A minha mãe também era uma mulher sagrada, do candomblé. Acho que é por isso que eu chorei. Muita emoção. (Antônia Roque, leitora de Aidil)

Aquilo que fica nas margens

ALMEIDA, Lílian. [sem título]. orelha do livro **Páginas Rasgadas**. In: LIMA, Aidil Araújo. **Páginas rasgadas**. Salvador: Segundo Selo, 2020.

BARBOSA, Deisiane. **Cartas a Tereza**. 2ª ed. Cachoeira: Andarilha Edições, 2021.

BUARQUE, Chico. **Todo o sentimento**. São Paulo: BMG Brasil, 1987.
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WyZuJ337Y3w>.
Acesso em: 18 de setembro de 2022.

CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira; SOUZA, Luciano Fogaça de. **Miudezas de uma Cidade do Interior**; escritos sobre Cruz das Almas. São Paulo: Conspire edições, 2018.

CUNHA, Rubens da. Leitura andarilha 1: as imagens ardentes de Deisiane Barbosa. In: *Deisiane Barbosa*; andarilha de cartografias insólitas. Org.: NOGUEIRA, Aline Souza Mota; CONCEIÇÃO, Arilma Reis e CUNHA, Rubens da. Cadernos Trilhos. Coleção Literaturas do Recôncavo, n. 1, maio de 2022.
Disponível em:
<https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/issue/view/6>.
Acesso em 25 ago. 2022.

DIAS, Henrique. **O arco e a arkhé**. Ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
Disponível em:
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>.
Acesso em 10 maio 2020.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre as relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-62, 2005, 236p (Coleção Educação para Todos).

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres sagradas**. Cachoeira: Portuário Atelier Editorial, 2017.

_____. **Páginas rasgadas**. Salvador: Segundo Selo, 2020.

_____. Como escreve Aidil Araújo Lima. [Entrevista cedida a] José Nunes. **Como eu escrevo**. Disponível em <https://comoeuescrevo.com/aidil-araujo-lima/>. Acesso em 03 de março de 2023.

MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira. DA CUNHA, Rubens; Mornas eram as noites e Mulheres Sagradas: uma travessia transatlântica entre Dina Salústio e Aidil Araújo Lima. **Criação & Crítica**, n. 27, p., nov. 2020. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoecritica>. Acesso em: 25 out. 2022.

NATÁLIA, Livia. Páginas Rasgadas. Posfácio. In: LIMA, Aidil Araújo. **Páginas rasgadas**. Salvador: Segundo Selo, 2020.

NETO, João Cabral de Melo. **Serial e antes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. in: **Filosofia Africana**. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em 30 jul. 2022.

PESSOA, Fernando. **Ficções do interlúdio**; poemas publicados em vida. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTANA, Rita. O oráculo de Aidil. Prefácio. in: LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres sagradas**. Cachoeira: Portuário Atelier Editorial, 2017.

SCHMIDT, Larissa. Morte de Moïse: entenda a participação de cada um que aparece nas imagens do quiosque. G1. g1 Rio, TV Globo 09/02/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/09/morte-de-moise-entenda-a-participacao-de-cada-um-que-aparece-nas-imagens-do-quiisque.ghtml>. Acesso em 30 Jun. 2022.

SILVA, Andréa Maria do Nascimento. O sagrado feminino negro: Nossa virtude epistêmica contra a abstração colonialista ocidental. **Revista Estudos Libertários**. v. 04, n. 10, Abril de 2022. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/51325>. Acesso em 25 out. 2022.

os timoneiros / as timoneiras

“E quanto mais remo mais rezo pra nunca mais se acabar.”

Hermínio Bello de Carvalho e Paulinho da Viola em “Timoneiro”

Aline Mota:

Mãe de dois meninos; Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/CECULT; Monitora/Apoio escolar do Programa Universidade Para Todos/UFRB - Maio a Dezembro/2022; Bolsista PIBID - Outubro/2020 a Março/2022; Graduada em Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2006). Especialista em Prevenção da Violência, Promoção da Segurança e Cidadania, pela Universidade Federal da Bahia (2012).

Beatriz Tolú

Fotógrafa e multiartista, graduanda do Bacharelado de Cinema e Audiovisual pelo Centro Universitário Jorge Amado e na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes. Tem experiência na área de comunicação, com ênfase em Mídias Sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: Fotografia, Audiovisual e Imagem. Atuou como pesquisadora em gênero, raça e classe no projeto de pesquisa (PIBIC) - Com A Palavra, Mulheres Quilombolas (2018), frequentou o curso técnico em Comunicação Visual no Centro Educacional Teodoro Sampaio (2019) e também atua no curso de Computação Gráfica e Arte Digital na Escola SAGA (2021). Atualmente ela compõe a produtora Cardeal Filmes assinando a direção executiva e de fotografia, além de integrar o grupo de extensão Laboratório de Experimentação Estética para Espetáculos e Performances Digitais - Integração Artística entre UFBA E UFRB (LabEx) e o grupo de extensão CINECECULT.

Caíque Santos dos Santos

Natural de Muniz Ferreira - Bahia. Graduando na Licenciatura Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia é cantor, compositor, intérprete, produtor, performer e artista. Atualmente tem sua pesquisa voltada para o corpo e voz explorando signos da sua ancestralidade enquanto homem preto em busca de um caminho de reencontro, cura e liberação de sua magia poética no tempo do agora nas múltiplas plataformas artísticas.

Rubens da Cunha

Professor da Universidade do Recôncavo da Bahia - UFRB. Doutor em Literatura na UFSC, com tese sobre a obra teatral de Hilda Hilst. Membro dos grupos de pesquisa "Dramaturgias em trânsito" e "Culturas, Estéticas e Linguagens". "Editor da Revista Landa, do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-americanos. (www.revistalanda.ufsc.br), e da Revista Trilhos (revistatrilhos.com). Ministrante de oficinas de criação literária desde 2000. Poeta, escritor de literatura infanto/juvenil e cronista. Possui oito livros publicados Campo Averso, (2001); Casa de Paragens (2004); Aço e Nada (2007); Vertebrais (2008), Crônica de gatos (2010), Curral (2015), Breves exercícios para Fugitivos (2015) e A guardadora da ponte e outras biografias inventadas (2020).

Sarah Roberta de Oliveira Carneiro

Professora Adjunta III do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Exerceu nesta universidade, no período de 2015 a 2018, as funções de Coordenadora de Assuntos Estudantis, na Pró-reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (PROPAAE), e de Coordenadora de Cultura e Universidade, na Pró-reitoria de Extensão (PROEXT). Seu pós-doutorado transcorreu na Université Paris 8 (2018-2019), doutorou-se em Ciências Sociais pela UFBA (2012), com estágio doutoral na Université de Strasbourg, onde esteve vinculada ao Laboratoire Cultures et Sociétés en Europe (MISHA). Tem formação em estudos latinoamericanos pelo Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine (IHEAL) da Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 e é graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É membro fundadora da Academia Cruzalense de Letras (ACL), ocupando a cadeira número 8 e desde janeiro de 2023 responde pela sua presidência. Tem interesse pelas áreas de Sociologia e Comunicação, em especial, pelas temáticas cultura, movimentos sociais, vozes insurgentes e migração. Sua trajetória profissional abarca experiências como professora, pesquisadora, coordenadora de projetos em Organizações Não Governamentais, educadora popular, correspondente internacional, repórter, editora de veículos impressos, debatedora, escritora e dançarina.

Tom Fraga

Estudante de Licenciatura Interdisciplinar em Artes, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas em Santo Amaro. Tem experiência na área audiovisual, com um foco voltado para a fotografia.



Foto: Ton Fraga, direção de fotografia: Beatriz Tolú

*“Meu estilo é buscar a simplicidade da vida, na vida.
Encontrar a felicidade de estar no mundo com todos
os seus tropeços.”*

Aidil Araújo Lima